



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO**

MARIANA JARDIM DE LIMA

**NÃO ADOTEI, FUI ADOTADO:
UM RELATO DE ADOÇÕES ATÍPICAS**

**GOIÂNIA,
DEZEMBRO/2021**

MARIANA JARDIM DE LIMA

**NÃO ADOTEI, FUI ADOTADO:
UM RELATO DE ADOÇÕES ATÍPICAS**

Trabalho de conclusão de graduação apresentado à Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador(a): Prof. Mestra Denize Daudt Bandeira.

**GOIÂNIA
2021**

LIMA, Mariana Jardim. Não adotei, fui adotado: um relato de adoções atípicas. Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Escola de Direito, Negócios e Comunicação. Goiânia. 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso Aprovado em 03/12/2021 para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Prof. Ms. Denize Daudt dos Santos Bandeira
(PUC Goiás)

Profa. Ms. Gabriella Luccianni de Moraes Souza Calaça
(PUC Goiás)

Profa. Ms. Enzo de Lisita
(PUC GOIÁS)

Dedico este documentário a Idaiana Jardim, Táliton Rocha e Davi Jardim. Mãe, pai e irmão que me inspiram e me incentivam a ser a melhor jornalista do mundo.

Mariana Jardim

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento é a Deus, que nunca desiste de mim e que me dá força sempre, independente da jornada. Em segundo lugar, e de forma muito especial, a Idaiana Jardim, Táliton Rocha, Davi Jardim e Rosilda Jardim, minha família, que sempre esteve comigo, me apoiando, incentivando e ajudando.

Em terceiro lugar, agradeço ao Anderson Silva e a Natielly Ribeiro, proprietários da produtora *Golden Filmes*, responsável por parte das gravações do documentário “*Não adotei, fui adotado: um relato de adoções atípicas*”, fruto desse Trabalho de Conclusão de Curso. Anderson que, além da paciência, utilizou seus conhecimentos para me acompanhar neste sonho, sem cobrar um real.

Gratidão ao Daniel Bernadoni, que editou o documentário com esmero, a fim de entregar o melhor material e de conseguir expressar o que estava em meus pensamentos da forma mais perfeita possível. Agradeço aos colegas de faculdade que compartilharam momentos únicos e muito especiais ao longo dos anos de graduação.

Serei eternamente grata à minha orientadora, Denize Daudt Bandeira, que é uma inspiração tanto como pessoa como profissional. Espero ser pelo menos um pouquinho do que ela é. Sou grata pela paciência, pela confiança, risadas, histórias e por não desistir de mim.

Agradecimento especial às famílias da Agnes, Paola e Roberto, família da Maria Clara e Valéria e a família da Luiza, Maria Paula, João, Pedro e Jussara, que de boa vontade abraçaram este trabalho e o enriqueceram com suas histórias e experiência. Sem vocês, nada disso seria possível.

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso tem como objetivo apresentar a comunicação como um viés para combater a falta de informação sobre a adoção atípica. O processo adotivo no Brasil é permeado por preconceitos e o desconhecimento sobre o tema, por isso as três histórias presente no produto final do trabalho de conclusão de curso, visa mostrar a adoção atípica como viés para a redução do grande número de crianças disponíveis para adoção em relação aos pretendentes, de acordo com o Sistema Nacional de Acolhimento e Adoção 2021.

Palavras- chave: Comunicação. Adoção atípica. Preconceito. Documentário.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Capítulo 1 – Referencial Teórico.....	10
1.1 Comunicação.....	10
1.2. Em busca de um conceito.....	10
2.1 Documentário.....	13
2.2. Conceito e história do documentário.....	13
2.3. Documentário e cinema.....	17
2.4. Documentário e jornalismo.....	20
3.1. Sistema de adoção.....	22
3.2 Adoção ao longo da história.....	23
3.3 Adoção e o poder judiciário.....	25
3.4. Perfil do adotante.....	27
Capítulo 2 – Memorial de produção.....	30
2.1 Brienfing.....	30
2.2. Objetivos e justificativa.....	30
2.3. Percurso de produção.....	30
3. Lista das entrevistas.....	32
4. Conclusão.....	33
Referência Bibliográfica.....	34
APÊNDICE.....	35
Apêndice A - Pautas das entrevistas.....	35
Apêndice B - Decupagem.....	47
Apêndice C - Roteiro.....	51
Anexo Fotos	58

INTRODUÇÃO

Este é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em jornalismo teve como objetivo central a produção do documentário: *Não adotei, fui adotado: um relato de adoções atípicas*. O primeiro capítulo do trabalho teórico (Revisão de Literatura) aborda o que é o campo da comunicação, o gênero documental e sua relação com o jornalismo e o sistema de adoção brasileiro. Neste último, é apresentado como o processo de adoção acontece no Brasil e as principais mudanças legais no sistema adotivo do país, dados relevantes para a realização do trabalho prático.

A proposta desse trabalho é abordar uma vertente diferente da adoção no Brasil, a adoção atípica, ainda pouco discutida. Pode ser classificada como adoção atípica, aquela que não é comum. No âmbito da adoção, são as crianças que estão fora do perfil mais procurado pelos pretendentes a adotar, segundo a Juíza Maria do Socorro, da Vara da Infância e Juventude de Goiânia, o que gera impacto significativo no sistema. Para se ter uma ideia, o maior número de crianças disponíveis na fila de adoção é maior de oito anos, faixa que, como lembra Maria do Socorro, é a menos preferida pelos adotantes.

E não são apenas crianças acima de 8 anos que fazem parte das adoções atípicas, mas a adoção de grupo de irmãos ou crianças que possuem alguma deficiência física como das três histórias retratadas ao longo do documentário. São elas a de Agnes, que é negra e tem síndrome de Down, Maria Clara, que é surda, e da Luiza, portadora de microcefalia. O objetivo aqui é mostrar que essas crianças também necessitam de uma família, como as que as receberam.

Dados disponibilizados pela Juíza Maria do Socorro, da Vara da Infância e Juventude de Goiânia, uma das fontes do documentário, mostram que 4.224 crianças estão em situação de adoção no Brasil, 88 disponíveis em Goiás. 32.947 pessoas estão na fila aguardando para adotar, 1000 no Estado de Goiás.

Antonio Aldny Souza (2011) em “Adoção no Brasil e as principais mudanças com a Lei 12.010/09”, que compõe a bibliografia consultada, ajuda a pensar como era a adoção no Brasil antes da Lei. Conforme Souza (2011), o intuito principal era dar ao maior número de crianças abandonadas um novo lar. Período em que a legislação da adoção

fazia distinção entre os filhos adotivos e os legítimos, como discutido no capítulo teórico desse trabalho.

O segundo capítulo do trabalho se refere ao Memorando de Produção. Nele estão descritas as etapas de planejamento e produção do material prático (documentário), bem como os objetivos da produção e a justificativa do tema. Ao final dos capítulos, o leitor pode conferir as pautas das entrevistas, assim como sua transcrição, e o roteiro do documentário.

CAPÍTULO I

REVISÃO DE LITERATURA

1.COMUNICAÇÃO

A comunicação se faz necessária compreender o mundo e as realidades presentes na sociedade. sendo assim a discussão da mesma é primordial para compreender o processo comunicacional do trabalho apresentado.

1.2 EM BUSCA DE UM CONCEITO

Por se tratar de um trabalho no campo da comunicação social e que objetiva um produto (documentário) informativo, em um primeiro momento se faz necessário entender a seguinte questão: o que é comunicação? Para Martino (2008), a questão é embaraçosa. “Primeiramente porque não se pode ignorar ou reivindicar o desconhecido do que vem a ser a comunicação sem deixar de comprometer a coerência de nossa inserção como profissionais ou pesquisadores do campo da comunicação.” (MARTINO, 2008, p.11).

Conceito que vem do latim *communication*, que se constitui em três elementos: *munis* (“estar encarregado de”), o prefixo *co* (“atividade realizada conjuntamente”) e a terminação *tio*, que completa a ideia de “atividade.” (MARTINO, 2008). Ao debater o conceito, deve-se distinguir comunicação de outros dois termos: participação e ação comum (MARTINO 2008). Participação, no sentido platônico, expressa a relação dos seres sensíveis com as ideias (MARTINO, 2008). A ação comum, por sua vez, não é comunicar no sentido de ter algumas características ou propriedades semelhantes. O “ter algo em comum” se trata de sermos uma espécie com ações ou hábitos coletivos (MARTINO, 2008 p.14).

O termo comunicação (“comum + ação”) também não se aplica às propriedades nem ao modo de ser das coisas, não sendo capaz de exprimir uma ação que junta os membros de uma comunidade (MARTINO, 2008). Aqui o objetivo final é a ação em comum ou algo em comum. O termo “comunicação”, nesse sentido, se refere ao processo

de compartilhar um mesmo objeto de consciência, que exprime a relação entre consciências (MARTINO, 2008). Assim, uma mensagem ou informação não é comunicação senão de modo relativo (MARTINO, 2008). “A informação é o rastro que uma consciência deixa sobre um suporte material de modo que outra consciência pode resgatar, recuperar, então simular, o estado em que se encontrava a primeira consciência.” (MARTINO, 2008, p.17). O certo é que não temos a comunicação sem informação. Porém, não temos informação sem a comunicação (MARTINO, 2008).

Já para Bordenave (1997), a comunicação é um produto da necessidade humana de se expressar e se relacionar. Para França (2008), a resposta para a pergunta inicial (o que é comunicação?) está na vivência, resgatada e apoiada nas dimensões empíricas. Trata-se de um objeto que está disponível aos sentidos, materializado em práticas que podemos ver, ouvir e tocar (FRANÇA, 2008). Nesse sentido, a comunicação existe no mundo sensível e também é um fato no mundo real: revistas, televisão, outdoors entre outros (FRANÇA, 2008). Destaca-se que o termo comunicação não designa todo e qualquer tipo de relação, mas aquela em que se encontram elementos que se destacam de um fundo de isolamento; a intenção de romper o isolamento e a ideia de uma realização comum (FRANÇA, 2008). Comunicação que “serve para que as pessoas se relacionem entre si, transformando-se mutuamente na realidade que as rodeia.” (BORDENAVE, 1997, p.36).

Sem comunicação não haveria interação entre os humanos (BORDENAVE, 1997). A comunicação é um componente básico para a vida social, pois permite a troca de aprendizado e experiências, dia a dia (FRANÇA, 2008). Aprendemos as formas de se comunicar em nossa cultura e assim que aprendemos, reconhecemos os modelos comunicativos com os que convivemos (FRANÇA, 2008). Diante do apresentado, pode-se afirmar que “é impossível não comunicar” (BORDENAVE, 1997, p.50). Além disso, a exposição e o uso permanente dos meios de comunicação fazem parte das práticas e objetos familiares que os membros de determinada sociedade conhecem (FRANÇA, 2008).

Ao afirmar que gostaria de ter a resposta para a pergunta (o que é Comunicação?), Braga (2016) explica que esta não cabe a um grupo específico de pesquisados, mas a muitos, e apresenta o conceito de comunicação em três níveis:

Primeiro, temos um nível epistemológico, o mais alto da questão. Nele, vamos encontrar reflexões sobre o conhecimento produzido, sobre seus fundamentos. É o nível das visadas programáticas e dos sistemas de pensamento. Depois, num segundo nível, que podemos chamar de teórico-metodológico, temos as estratégias de conhecimento em uma grande área de estudos. No nosso caso, a área das ciências humanas e sociais. E aí são feitas as reflexões teóricas, a produção de conjecturas. É o nível das posições assumidas sobre teoria e pesquisa. Finalmente, temos um nível tático, que é propriamente o nível da abordagem material, do exercício de técnicas de observação, da obtenção de dados, que implicam desde uma construção do problema até a busca de indicadores e o trabalho de interpretação. É o nível de tomadas de decisão de ordem prática, em cada pesquisa singular que desenvolvemos. (BRAGA, 2016, p.16).

Vale reforçar que:

A história da comunicação social nasce e se consolida entre o final da década de 1940 e meados da década de 1970. Nesse início, predominavam os temas relacionados à contemporaneidade, embora o papel da comunicação na Antiguidade clássica também tenha merecido a atenção dos estudiosos da comunicação social. (DIAZ; ALFFOND, 2001, s/p apud VICENTE, 2009, p. 19,20).

A pesquisa em comunicação no Brasil recebeu influências francesas a partir de 1970 quando foram criados os programas de pós-graduação em comunicação nas universidades do país (ADGHRNI, 2006). No entanto, "ainda hoje os especialistas têm dificuldades para delimitar a área da comunicação a partir de uma perspectiva teórica ou de um objeto de pesquisa." (ADGHIRNI, 2006, p. 51).

A comunicação ligada ao jornalismo utiliza de narrativas que “trabalham mais com o jogo de linguagem, com as ações estratégicas de significação das palavras no contexto, visando estabelecer um diálogo argumentativo entre os sujeitos.” (VICENTE, 2009, p. 103). Os meios de comunicação são os instrumentos pelos quais se manifestam os problemas (sociais) que serão avaliados (VICENTE, 2009), no presente trabalho a adoção. Tema que será trabalhado em outra unidade.

Adghirni (2006) cita Nelson Traquina como o definidor do campo jornalístico, especificamente em relação ao campo midiático, que vai além da notícia. Traquina que aponta que o campo jornalístico apareceu nas universidades antes da comunicação (2004, s/p apud ADGHIRNI, 2006, p. 51,52). Adghirni (2006) traz José Marques de Melo para exemplificar as pesquisas sobre o jornalismo no Brasil que, conforme Melo, se dá no final

do século XIX, com o foco em jornais e revistas. “O próprio Marques de Melo é um dos principais pioneiros dos estudos de jornalismo que serviriam de referência para pesquisas posteriores.” (ADGHIRNI, 2006, p. 57). Ao abordar jornalismo e comunicação, Martino (2008) vê os processos comunicativos dentro da cultura de massa, na qual se constituiu como objeto dela. Martino (2008) mostra estes processos como uma leitura da realidade a partir dos meios de comunicação, constituídos em sua relação de reciprocidade e complementação.

2. DOCUMENTÁRIO

2.1 Conceito e história do Documentário

Neste capítulo será discutido o conceito de documentário e sua relação com o cinema e o jornalismo. Serão apresentadas as características do gênero, além da história do documentário no Brasil e sua evolução. A discussão do tema é fundamental na composição deste trabalho que objetiva um produto jornalístico no formato documental. Pretende-se compreender como o documentário retrata a realidade e a sua relação com o campo do jornalismo. Neste capítulo cabe ainda uma reflexão sobre como o "doc" retrata a realidade e a forma com que o documentarista trabalha o filme a partir do seu ponto de vista.

Documentário pode ser compreendido como uma representação do mundo (RAMOS, 2001). A construção da sua narrativa não é necessariamente ficcional, mas real. Uma linguagem fundamentada na realidade do mundo, através da visão do documentarista. Assim, o discurso do “doc” deve ser a “fragmentação do saber e da subjetividade que sustenta a representação.” (RAMOS, 2001, p.3). O discurso documentário seria uma narrativa com imagens, composta por asserções que mantêm uma relação, similar a esta, com a realidade que designam. E é neste sentido, que deve ser analisado em sua relação com o real que designa. (RAMOS, 2001, ~~p.6~~)

As imagens também constroem uma narrativa dentro do produto e comprovam a veracidade dos fatos (o trabalho imagético de um documentário é primordial). Ramos (2001, p.7) destaca três níveis dessa reação, como a produção, a composição e a dimensão pragmática:

- 1) A produção desta imagem através do que chamamos 'tomada', constituída a partir da presença de um "sujeito" no mundo sustentando a câmera (o sujeito da câmera);

2) A composição desta imagem como imagem maquínica, mediada pela máquina câmera, implicando na dimensão indicial desta imagem a partir do traço do transcorrer do mundo no suporte (seja este suporte digital, videográfico ou película);

3) a dimensão pragmática desta imagem, ao fundar a relação espectral, no modo que tem o espectador de poder "lançar-se" à circunstância da "tomada" fundada pelo sujeito da câmera.

Ao questionar o conceito de documentário, - se é considerado como uma cópia ou réplica do que já existe -, Nichols (2010) afirma que o produto documentarista não é uma reprodução da realidade, mas a "representação" do mundo em que vivemos. Produto que apresenta uma determinada visão do mundo, na qual talvez não paremos para pensar. O autor também ressalta que o documentário pode ser considerado com um "conceito vago", pois nem todo filme pode ser classificado como documentário.

O gênero, segundo Nichols (2010), não adota um conjunto fixo de técnicas, não trata apenas de um conjunto de questões e não apresenta apenas um conjunto de forma ou estilos. Já sobre os cineastas, são as pessoas que fazem os documentários, que falam a mesma língua no que diz respeito a seu trabalho (NICHOLS, 2010). Carlos (2005) explica (POTER, 2005, p.51 apud CARLOS, 2005, p.92) o documentário como um elemento que contribuiu e se incorpora na memória coletiva, por transformar os personagens em "testemunhas", revelando perspectivas que acabam sendo incluídas no processo histórico.

O documentário, conforme Tomalim (2019), pode ser usado como objeto de estudo da história. Tomalim (2019), que faz a comparação entre o documento e o documentário, explica que o primeiro é um produto de escolhas dos que desejam conhecer o passado, como os historiadores, que juntam os "cacos" para construir a história. Já no filme, os documentaristas lidam com os fragmentos das imagens, sons do passado, e manipulam testemunhos. Nesse caso, o objetivo é propagar sua visão do passado.

Destaca-se que, para Tomalim (2019), não existe "documento-verdade" nem "documentário-verdade", mesmo que o filme utilize imagens, sons do mundo e depoimentos sobre esse mesmo mundo (TOMALIM, 2019). Como exemplo, Tomalim (2019) cita o documentário "Lapa Azul", de Durval Jr. (2007). A obra, que ilustra o documentário-histórico, narra as histórias de ex-combatentes brasileiros que lutaram na

Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Filme que traz ainda relatos do historiador Giovanni Sullá. Seu testemunho ajuda na ilustração dos depoimentos dos ex-combatentes. Tomalim (2019), ao comentar a obra, apresenta reflexões de como o filme tem características da objetividade mais também da subjetividade.

Destaca-se ainda que:

No documentário, por exemplo, não se tem a necessidade de seguir a pirâmide invertida. Mesmo nos documentários expositivos, sempre é guardado para o desfecho o ponto mais interessante da história. Contudo, nos filmes expositivos, a narrativa não é exatamente aquela em que se conta (uma história). (CARLOS, 2005, p.60).

O documentarista também pode fazer uso de estratégias ficcionais para criar uma história com personagens definidos (CARLOS, 2005). O objetivo, aqui, é oferecer emoção aos espectadores com momentos de clímax e anticlímax. Já o documentário de memória tem o objetivo de recordar o passado: “A experiência de assistir ao filme pode gerar nos espectadores uma cadeia de sentimentos e percepções e, dentre elas, o reconhecimento de determinados significados comuns referentes ao passado recordado.” (TOMALIM, 2019, p. 123).

Tomalim (2019) apresenta ainda outro formato de documentário: o “docudrama”. Filmes que podem tratar de temas históricos, porém se diferem na produção, pois nem sempre nascem na vontade de memória. Tomalin (2019) afirma que esse estilo possui o ponto de vista sobre o passado, mas não são produtos de entretenimento e contribuem para a afirmação de certas visões históricas.

Cabe a quem escolhe o documentário como objeto de estudo atentar-se para o fato de que os filmes também operam uma deformação nos acontecimentos rememorados, na tentativa de ajustar o passado aos jogos identitários do presente, e que isto se torna cada vez mais verdadeiro, segundo Candau (2014), quando cada vez mais grupos e indivíduos fazem valer suas pretensões à memória. (TOMALIM, 2019, p.124).

O documentário é uma obra pessoal, gênero essencialmente autoral (MELO, 2002). Sendo assim, é esperado que o diretor exerça o seu ponto de vista sobre o tema tratado. Para Melo (2002), é impossível o documentarista se “apagar do filme”. A explicação está na subjetividade e na ideologia presentes na narrativa documental,

ofertadas em forma de texto verbal, sons e imagens. Souza (2013) defende que o ponto de vista do documentarista é um fator importante no produto, pois (JEAN VIGO, 1930, s/p apud SOUZA, 2013, p.172) torna-se uma espécie de fusão entre a abordagem das demandas sociais e os impulsos criativos do diretor.

Já para Ramos (2001), o ponto de vista do documentarista é contrário à possibilidade de definição do campo do documentário. Porém, esta visão do mundo, segundo o autor, pode promover a reflexão do próprio discurso cinematográfico. Carlos (2005), ao discutir o tema, reforça que o ponto de vista trazido pelo autor é de extrema importância no processo de produção e pós-produção de uma obra, pois é o que orientará como fazer a organização dos elementos presentes no projeto.

Pode-se dizer que é impossível o diretor não imprimir seu olhar no trabalho. É ele quem dita o ponto de vista a partir de suas escolhas nos processos de produção, filmagem e edição (seu olhar sobre o mundo). Souza (2013) aponta Gomes (1984, p.74 apud SOUZA, 2013, p.173) ao abordar o processo de produção do cineasta francês Jean Vigo, que tinha consciência da duplicidade do ponto de vista do documentarista. No entanto, o cineasta preferiu marcar seu lugar de fala a partir da crítica social. Segundo Souza (2013), era a forma que Vigo tinha de se livrar da técnica pela técnica.

Souza (2013) se baseia na teoria de que o ponto de vista do filme deve discutir também as possibilidades de o público interpretar o mundo a partir do documentário, “pensar o ponto de vista é pensar a interpretação.” (SOUZA, 2013). Para isso, a imagem e a narrativa precisam ser unidas de forma articulada, se tornando ferramentas importantes para a expressão de um determinado pensamento (SOUZA, 2013). “Ponto de vista é um espaço de materialização de uma visão que um determinado documentário põe à nossa disposição.” (SOUZA, 2013 p.175).

A construção do ponto de vista do cineasta implica na sua vontade em expressar a realidade, como o cineasta não consegue mostrá-la por completo, ele faz um recorte. Araújo (s/n) explica que este “recorte” é uma espécie de janela aberta ao espectador e na maioria das vezes é arbitrário. Pensando assim, o autor mostra que o discurso e a expressão do filme estão juntos, e não se separam totalmente para fins didáticos. Para Carlos (2005), a narrativa documental também se aproxima da fotografia:

Partindo de uma analogia que aproxima o documentarismo e a fotografia, podemos sugerir um contraponto que também aproxima o cinema ficcional e a pintura. Assim como a fotografia sofreu críticas por sua aderência com o real, também o documentário carrega o estigma de ser recorte da realidade – o que de certa forma o descredenciaria como obra de arte. (CARLOS, 2005, p. 44).

A imagem vem não apenas para representar a realidade. Araújo (2007) alerta que ela pode mexer com a imaginação do ideal de um corpo (o olho capta as imagens e a mente constrói uma narrativa subjetiva). Ao discutir o tema, Araújo (2007) traz como exemplo um documentário dos anos 1920 chamado “Nanook, um esquimó”, de Robert Flaherty (1929). O trabalho retrata, pela primeira vez, como era a vida no gelo. Araújo (2007) afirma que mesmo Nanook não conhecendo a tecnologia das câmeras, não agiu de maneira espontânea frente a elas.

O discurso promovido pelo filme documental é composto por uma narrativa audiovisual, o qual, segundo Ramos (2001), pode ser composto por asserções que mantêm relação da narrativa com a imagem e com a realidade que designa. Ramos (2001) mostra que não é qualquer imagem que constrói esta ideia. O cineasta, através do método “cine-olho”, em que lida com imagens e as manipula, a monta conforme deseja.

Já na década de 1970, lembra Nichols (2010), os filmes documentaristas voltaram ao passado, usando materiais cinematográficos de arquivo e entrevistas contemporâneas. Um dos objetivos era lançar documentários com um novo olhar sobre os episódios do passado, com foco nas questões atuais, como em *Vietnã, ano do porco* (1969), da cineasta Emile de Antonio, que serviu de modelo para outros.

2.2 Documentário e Cinema

Melo (2002) explica que o documentário possui semelhanças com o cinema e destaca uma distinção primordial entre os dois gêneros: o percurso para a produção do documentário supõe uma liberdade que dificilmente se encontra em qualquer outro produto. O documentário é construído ao longo do processo de sua produção, seu formato pode ser mudado ao longo das filmagens, mesmo existindo um roteiro. O formato final somente se define com as filmagens, a edição e a montagem (MELO, 2002).

Já Souza (2013) lembra o tempo decorrido para que o documentário superasse a dicotomia entre seu próprio formato e a ficção. Carlos (2005), que destaca a tensão existente entre a ficção e o documental, afirma que o último acaba incorporando artifícios de produção de ficcionalidade. Um exemplo é a reconstituição de depoimentos colhidos

em ambientes preparados. O próprio discurso, nesse caso, é construído ao longo do documentário e permite que a narração se sobreponha à argumentação, exposição ou descrição.

O documentário pode ser apresentado como ficção também, pois utiliza de elementos da realidade para completar a realidade. Nichols (2010) traz como exemplo os cineastas Dziga Vertov, Esther Shub e Victor Turin que trabalharam na União Soviética na década de 1920. Na década de 1930, o gênero documental assume características de jornal cinematográfico, com ênfase política, renovada nas questões sociais e econômicas (NICHOLS, 2010). Já nos anos 1960, o som era introduzido no filme e as câmeras portáteis, que facilitaram a mobilidade dos cineastas, possibilitaram um cinema observativo e mais participativo (NICHOLS, 2010).

Freire (2008) afirma que o filme documentário faz a exploração do exótico e do incomum. O autor cita Rouch (apud FREIRE, 2008, p. 5 e 6) que traz três tipos de documentários voltados para a observação dos homens e de suas peripécias: a) o documentário de grande público, b) o documentário sensacionalista ou de “exploração” e, c) o documentário de cunho científico. Araújo (2007), no entanto, argumenta que os documentários são filmes de não-ficção, mas destaca que nem todo filme não ficcional é documentário.

Na concepção moderna, o documentário vem do cinema “verité” (verdadeiro) quando as imagens eram captadas e mostradas sem alteração (ARAÚJO, 2007). O cinema documental possibilita um entendimento médio do que, de fato, este tipo de cinema propõe (CARLOS, 2005, p.21). A fotografia também pode, nesse contexto, se imbuir de um aspecto documental. No entanto, não se pode limitar a prática fotográfica a esse aspecto, desconsiderando o caráter artístico que também pode assumir (CARLOS, 2005).

A definição dos gêneros audiovisuais não-ficcionais está em constante processo de reformulação (CARLOS, 2005, p.23). Tratando-se de uma tarefa complexa apontar diferenças entre formatos que, para muitos autores, são quase híbridos, já que ambos trabalham com o mesmo substrato (o real), diferenciando-se nos tratamentos escolhidos para revelar seu objeto.

O cinema-documentário veio se delineando durante todas essas mudanças, num processo contínuo que se dá até hoje. Depois do impacto inicial, os cineastas (que naquela época nem se chamavam assim), se deram conta de que era possível elaborar filmes que trouxessem para o espectador a possibilidade de

refletir acerca do assunto levado às telas. (CARLOS, 2005, p. 32).

As pessoas retratadas nos filmes personificavam estilos de vida capazes de estimular identificação/projeção no público (CARLOS, 2005). Um exemplo seria o documentário de Flaherty, o *Nanook do Norte* (*Nanook of the North, 1920-1*). Um filme quase etnográfico, em que o documentarista narra o cotidiano de uma família esquimó, retratando costumes que são revividos pelos personagens, somente naquela ocasião, criando um registro por meio das câmeras de cinema (CARLOS, 2005, p.33).

As novas possibilidades fortaleceram ainda mais o princípio do registro in loco. Os depoimentos dos que viveram os acontecimentos retratados ou que deles têm algum conhecimento surgem para instigar o espectador, mexer com seu interesse (CARLOS, 2005). Inevitavelmente, a história se apresenta num plano mais crível, com feições mais emocionais (CARLOS, 2005). E aqui a busca por registrar um acontecimento sem causar muita interferência no espaço de filmagem, evitando intimidar as pessoas (personagens) filmadas (CARLOS, 2005, p.36 e 37).

Melo (2002), ao discutir as características do documentário, destaca as possibilidades do documentarista em “usar a figura do locutor, construir o filme apenas em cima de depoimentos, utilizar o recurso da reconstituição pra contra a história, criar personagens para dar maior dramaticidade à narrativa, apresentar documentos históricos etc.” (MELO, 2002, p.4 e 5). “Os depoimentos podem ser alinhavados uns aos outros sem a necessidade de uma voz exterior, oficial, unificadora, que lhes dê coerência. Isso não quer dizer que um documentário sem locutor não seja um discurso coerente.” (MELO, 2002, p.33). Todas essas possibilidades trazem ao documentário uma característica fundamental: o “fato de ser um discurso pessoal de um evento que prioriza exigências mínimas de verossimilhança, literalidade e registro in loco.” (MELO, 2002, p.5). Nichols (2005) apresenta seis tipos/estilos de documentário sendo eles: poético, expositivo, participativo, reflexivo, performático e observativo (NICHOLS, 2005).

Já o documentário brasileiro é dividido em fases que compreendem os anos de 1960, 1970, 1980 e a produção contemporânea (VIEIRA, 2006). Entre as décadas de 1960 e 1970, os primeiros documentários tinham como características “o encadeamento das sequências existentes num raciocínio lógico, que mistura a análise do fenômeno com a evolução da ação.” (VIEIRA, 2006, p.3). Nos anos 1970, a tendência era a parceria entre

cineastas e produtores de televisão: “os documentários começaram a ser produzidos para a tv.” (VIEIRA, 2006, p.3). Um exemplo é o Globo Repórter.

Os críticos mais otimistas vêem na tecnologia digital uma ferramenta que pode libertar o documentarismo dos dogmas estruturalistas – herdados da escola documentarista britânica e mantidos desde os anos 30 –, dando continuidade à tendência de flexibilização iniciada nos anos 50 com a emergência do Cinema-Direto a partir da portabilidade dos equipamentos cinematográficos. Contudo, alguns ainda creditam às ferramentas digitais a responsabilidade de conduzir o gênero para longe do cinema, já que tais adventos tecnológicos se criam, sobretudo, em função da mídia televisiva. (CARLOS 2005, p. 45 e 46).

Nos anos 1980 o documentário se afasta do discurso panfletário e passa a ser mais analítico e delimitado (VIEIRA, 2006). A produção contemporânea é marcada pelo cinema documental e a “problematização do próprio filme, enquanto fato, no domínio da linguagem.” (VIEIRA, 2006, p.6). A inversão dos papéis do entrevistado e do entrevistador também marca a produção contemporânea, que valoriza a proximidade com o real (CARLOS, 2005).

2.2 Documentário e Jornalismo

O documentário e o jornalismo têm o mesmo objetivo: mostrar a realidade. Os dois tendem a retratar o mundo como ele é, colhendo as informações necessárias para construir seus produtos. No entanto, no jornalismo é necessário um mediador entre a notícia e quem a recebe, já no documentário isso não é primordial (MELO, 2002). “Como em outros discursos sobre o real, o documentário pretende descrever e interpretar o mundo da experiência coletiva. Essa é a principal característica que aproxima o documentário da prática jornalística.” (MELO, 2002, p. 28).

O jornalismo é uma atividade profissional que lida com notícias, dados factuais e divulgação de informações que retratam a realidade (FERREIRA, 2012). Enquanto no documentário é explorado o ponto de vista do documentarista (MELO, 2002). No entanto, Melo (2002) lembra que: "Enquanto o jornalismo busca um efeito de objetividade ao transmitir as informações, no documentário predomina um efeito de subjetividade, evidenciado por uma maneira particular do autor/diretor contar a sua história". (MELO, 2002, p.7)

Objetividade revelada na produção de uma relação e conexão entre a realidade primária e o texto (SPONHOLZ, 2003). Por isso o jornalista deve observar a realidade de acordo com critérios que evitem uma visão distorcida da realidade (SPONHOLZ, 2003). O documentário, no entanto,

[...] é um gênero fortemente marcado pelo olhar do diretor sobre seu objeto. O documentarista não camufla a sua própria subjetividade ao narrar um fato. Ele pode opinar, tomar partido, se expor, deixando claro para o espectador qual o ponto de vista que defende. (MELO, 2002, p.29).

O documentário pode ser considerado um documento audiovisual que registra o ponto de vista do documentarista. A imparcialidade jornalística, no entanto, reforça a proposta do jornalista de abrir mão de seu ponto de vista para ouvir e apresentar de outros (SPONHOLZ, 2003). O filme documentário flexiona a narrativa com imagens e sons, estabelecendo uma relação com o mundo. O telejornal flexiona a narrativa assertiva sobre o mundo encaixado na visão do programa telejornalístico. O objetivo aqui é não ser tendencioso. Para o documentarista:

A escolha de um ponto de vista é uma escolha estética e implica, necessariamente, determinadas escolhas cinematográficas em detrimento de outras: determinados tipos de plano, determinadas técnicas de montagem, etc. Cada seleção que o documentarista faz é a expressão de um ponto de vista, quer ele esteja consciente disso ou não. Assim, o documentarista cria uma interpretação que se manifesta pela maior ou menor criatividade que imprime à sucessão dos elementos que o filme integra. (PENAFRIA, 1999, s/p apud MELO, 2002, p.31).

O documentário é um gênero multifacetado que permeia por vários suportes, e fica na espera de um espectador comum que traga de suas principais experiências audiovisuais o repertório para entendê-lo (CARLOS, 2005). A interferência do (gênero) jornalismo televisivo na leitura do (gênero) documentário se daria nesse ponto, por se tratar (TV) da principal via de acesso ao audiovisual. A reportagem, provavelmente, é o gênero audiovisual mais associado ao jornalismo. (CARLOS, 2005) A partir dela o telespectador toma conhecimento de um tema, fato ou acontecimento (CARLOS, 2005).

3. Sistema de adoção

A palavra adoção vem do latim *adotipo*, que quer dizer: dar a alguém o próprio nome ou pôr o nome em uma pessoa (SOUZA, 2011). “Adoção é o ato solene pelo qual se admite em lugar de filhos quem por natureza não o é” ou “adoção é o ato legítimo pelo qual alguém, perfilha filho que não gerou.” (COSTA, 1998, p.47 apud SOUSA, 2011, p.18). Os conceitos e definições que envolvem o termo se constituem a partir de uma determinada doutrina (jurídica), ligada a uma época e sistema. Hoje, no direito brasileiro, por exemplo, é possível encontrar diversos conceitos de adoção (SOUZA, 2011, p. 18). Souza (2011) destaca o conceito de adoção na visão de Diniz (2002), para quem:

A adoção é ato jurídico solene pelo qual, observados os requisitos legais, alguém estabelece, independente de qualquer relação de parentesco consanguíneo ou afim, um vínculo fictício de filiação, trazendo para sua família, na condição de filho, pessoa que, geralmente, lhe é estranha. (DINIZ, 2002, s/p apud SOUZA, 2011, p.31).

Ao citar a uniformização dos conceitos, Sousa (2011) traz a fala de Silva Filho (1997):

É de se considerar, também, que os conceitos jurídicos são formulados a partir de um sistema de normas determinadas incidentes sobre o certo instituto, considerando a produção de certos efeitos. Não é diferente com a adoção. O conjunto orgânico de regras aplicáveis, formando uma unidade, é que caracteriza o seu regime jurídico. Sendo viável o regime jurídico nas várias ordens jurídicas por consectários variados, também são os conceitos de adoção, mas geralmente aparece como ato gerador de um estádio. (SILVA FILHO, 1997, p.55 apud SOUSA, 2011, p.18).

Rodrigues (2002, p. 380 apud SOUSA, 2011, p.18) entende que “a adoção é um ato do adotante pelo qual traz ele, para sua família e na condição de filho, pessoa que lhe é estranha”. Sousa (2011) explica que Rodrigues (2002) apresenta a adoção como um negócio unilateral e solene. Essa unilateralidade é discutível, pois a lei reclama o consentimento dos pais ou representante legal do adotado, presente no Estatuto da Criança e do Adolescentes (ECA art. 45) (SOUSA 2011). Em razão disso, alguns escritores clássicos redefiniram a adoção como um contrato solene, porque a lei lhe impõe forma, sem a qual o ato não tem validade, ou inexistente como tal (SOUSA, 2011, p.19). Sousa (2011) cita Diniz (2002, p.154) para definir a adoção também como “[...] uma ficção

jurídica que cria o parentesco civil. É um ato jurídico bilateral que gera laços de paternidade e filiação entre pessoas para as quais tal relação inexistente naturalmente”. No mesmo parágrafo, Sousa (2011) apresenta o conceito de Wald (1999), para quem adoção:

[...] é uma medida de proteção e uma instituição de caráter humanitário, que tem, por um lado, por escopo dar filhos àqueles a quem a natureza negou e, por outro lado, uma finalidade assistencial, constituindo um meio de melhorar a condição moral e material do adotado. (WALD, 1999, p.449 apud SOUSA, 2011, p.19).

Liberati (2003, p. 20 apud SOUSA, 2011, p.19) ressalta que a adoção não admite ter “pena” nem “dó”, “compaixão”. A adoção nos dias de hoje não se presta para resolver problemas de casais em conflito, de esterilidade, de transferência de afetividade pelo falecimento de um filho, de solidão etc. Para Liberati (2003, p.20 apud SOUSA, 2011, p.19), ela é muito mais que isso, é a entrega de amor e dedicação a uma criança que, por algum motivo, ficou privada de sua família. Nesse contexto, o que interessa é a criança e suas necessidades.

Sousa (2011) mostra que Silva Filho (1997, s/p) discorda da ideia de adoção como vínculo fictício, pois esta é consagrada pelo direito, e se torna a constituição do vínculo paterno-filial por via adotiva, com indistinção, e afirma que o vínculo paterno-filial não pode sofrer indistinção. O direito tem poder de criar a sua própria realidade, sendo assim deve-se evitar a confusão entre origem biológica e origem legal (SOUZA, 2011). O autor cita a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) que diz, no art. 227, 6º, que: “Os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativa à filiação”.

Sousa (2011) apresenta a redação do novo Código Civil Brasileiro de 2002 que renovou o conteúdo do Estatuto da Criança e do Adolescente e dispôs em seu artigo 1.625 que “somente será admitida a adoção que constituir efetivo benefício para o adotado”. Sousa (2011), ao concordar com Liberati (2003, apud 2011, p.20), reforça que o direito positivo moderno a considera (adoção) como instituição de proteção e integração familiar da infância, que tem por finalidade dar uma família a uma criança ou adolescente.

3.2 Adoção ao longo da história

Boron (1996 apud SOUSA, 2011, p.25) afirma que a passagem brutal e mal-conduzida de um modelo econômico agrícola para um modelo industrial provocou, entre outras consequências, a migração de enormes massas de população das regiões pobres para os grandes centros industrializados. No entanto, o fenômeno migratório não foi acompanhado dos recursos necessários da infraestrutura social e de serviços públicos (educação, saúde, energia, transporte, saneamento). Contexto que impactou e ainda impacta parcela significativa da sociedade. No Brasil, por exemplo, coexistem duas realidades distintas: de um lado, uma minoria que dispõe das vantagens proporcionadas pelo desenvolvimento científico tecnológico e, de outro, uma grande massa marginalizada de tais aquisições sociais (BORON, 1996 apud SOUSA, 2011, p.25).

Sousa (2011) explica que o processo destacado acima causou um abandono pelos serviços públicos às famílias, que, por sua vez, abandonam a criança. O autor apresenta que os sintomas de tal situação mostram distintos aspectos. Nessa problemática ocultam-se situações pessoais e familiares muito diferentes: crianças órfãs, maltratadas, delinquentes, crianças com problemas de conduta ou deficiência mental, fugitivos, etc (SOUSA, 2011, p.25). E é nesse contexto que o autor discute a adoção. É possível observar que o tema (adoção) estava disposto no Código Civil de 1916, bem como no Código de Menores de 1927 (SOUSA, 2011). A partir do advento da Constituição de 1988, com o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 (ECA), juntamente com o Código Civil de 2002, o tema ganhou uma conotação mais abrangente e preocupada com a efetiva defesa do melhor interesse de crianças e adolescentes (SOUSA, 2011).

O código de 1916 tinha como objeto maior de sua preocupação a defesa dos interesses patrimoniais, principalmente quanto às relações familiares (SOUSA, 2011). Durante a vigência desse código, o casamento refletia bem esses interesses, pois era colocado como prioridade em relação a outros tipos de constituição familiar, como no caso da união estável, a qual era passiva de discriminação (SOUSA, 2011). Contudo, com o advento da Constituição de 1988, a estrutura familiar ganhou uma conotação mais humanista e preocupada com o maior reconhecimento da dignidade de seus membros.

A partir de sua promulgação, a Constituição vigente promoveu uma inovação dentro do ordenamento jurídico brasileiro, ao eleger o respeito à dignidade da pessoa humana como princípio fundamental do sistema jurídico brasileiro (SOUSA, 2011, p.21). O ordenamento jurídico positivo é composto por regras e princípios. As primeiras

de caráter mais impositivo, fechado, e as seguintes, de caráter mais abrangente, sendo diretrizes do sistema.

Esse princípio passa a valorizar o indivíduo integrante da instituição familiar como um ser possuidor de individualidade, o qual deve ser respeitado e atendido nas suas necessidades, principalmente as mais urgentes. Nesse contexto, a dignidade da pessoa humana é colocada no ápice do nosso ordenamento jurídico e encontra na família a base apropriada para seu desenvolvimento. Com isso, percebe-se que as relações familiares possam ser funcionalizadas em razão da dignidade de cada partícipe. (SOUSA, 2011, p.22).

A Constituição Federal de 1988 marcou uma nova época no ordenamento jurídico brasileiro. Antes dela se colocava em primeiro plano a organização do Estado, deixando o indivíduo em segundo plano (SOUSA, 2011). O artigo 1º da Constituição Federal traz que a República Federativa do Brasil é constituída pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constituindo-se em Estado Democrático de Direito e tendo como fundamentos a soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e o pluralismo político (SOUSA, 2011). No âmbito familiar, Sousa (2011) salienta que nessa Carta a família tem um papel de destaque, por sua importância na formação do indivíduo, um dos objetivos do princípio da dignidade da pessoa humana. Aqui, independente de as relações serem de sangue ou afetivas, traduzidas em uma comunhão espiritual e de vida.

3. 3 Adoção e o poder Judiciário

Sousa (2011) apresenta as principais mudanças no processo de adoção no Brasil trazidas pela Lei de número 12.010/09. Debate inserido em um contexto de desenvolvimento complexo, do ponto de vista econômico e social. O Brasil, maior da América Latina, surge no cenário internacional como um País de grandes contrastes e uma variada gama de problemas socioeconômicos (SOUSA, 2011). Modelo que se mostrou incapaz de assegurar, à maioria das famílias brasileiras, condições de vida decente (SOUSA, 2011, p.25).

A nova lei tem o intuito de melhorar a questão da adoção no Brasil, trazendo significativas mudanças no contexto jurídico (SOUSA, 2011). A Lei nº 12.010 de 03 de

agosto de 2009, decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, ratificou alguns pontos já existentes na legislação anterior no trato da questão da adoção e, por seguinte, criou alguns posicionamentos (2011, p.26). A criança ou adolescente que é entregue ao programa de acolhimento familiar ou institucional passa a ser acompanhada por uma equipe interprofissional ou multidisciplinar que analisa se o caso é para reintegração familiar ou colocação em família substituta (SOUSA, 2011). Destaca-se que:

O 'abrigamento' é de caráter transitório, por isso a equipe de profissionais fará uma avaliação da situação das crianças e adolescentes a cada seis meses. O tempo máximo previsto para a permanência nesse abrigo é de dois anos, visando, com isso, privilegiar o direito da criança ou adolescente de viver em família, se não biológica, substituta. Durante o processo de adoção ou outras formas de colocação em família, o maior de 12 anos será ouvido pelo juiz com presença do Ministério Público em um ato obrigatório denominado de 'colhido em audiência'. (SOUSA, 2011, p.27).

Por se tratar de um ato irrevogável, definido no artigo 39 da Lei, o poder público só concede o deferimento favorável à adoção quando esgotadas todas as outras possibilidades de manutenção da criança ou adolescente em família natural ou extensa. O parágrafo único do artigo 25 deste ordenamento jurídico define família o que vem a ser extensa (SOUSA, 2011, p.28). Já a “adoção internacional era aquela em que o adotante é um estrangeiro, residente e domiciliado fora do Brasil” (SIMOËS, s/p apud SOUSA, 2011, p.29). Hoje,

Considera-se adoção internacional aquela na qual a pessoa ou casal postulante é residente ou domiciliado fora do Brasil, conforme previsto no art. 2º da Convenção de Haia, de 29 de maio de 1993, Relativa à Proteção das Crianças e à Cooperação em Matéria de Adoção Internacional, aprovada pelo Decreto Legislativo nº 1, de 14 de janeiro de 1999, e promulgada pelo Decreto nº 3.087, de 21 de junho de 1999. (SOUSA, 2011, p.29).

O entendimento de adoção internacional está ligado à questão da residência e não mais usando o critério da nacionalidade, sendo assim também a preferência para a adoção dada aos brasileiros residentes no exterior (SOUSA, 2011). Essas alterações foram incorporadas pela lei a uma série de disposições editadas a partir da Convenção de Haia de 29 de maio de 1993, aprovada pelo Decreto Legislativo nº 1, de 14 de janeiro de 1999,

e promulgada pelo Decreto nº 3.087, de 21 de junho de 1999 (SOUSA, 2011, p.29). Os procedimentos concentram-se principalmente nos prazos, tradução, espécies de documentos, relatórios e outros que possibilitam a transparência do processo de adoção (SOUSA, 2011, p.29). Em seu texto, Sousa (2011) apresenta os avanços e retrocessos da lei 12.010.09, que trata da questão da adoção, combinada com as adequações no Estatuto da Criança e do Adolescente. O objetivo era desburocratizar o processo de adoção no Brasil, o que não encontra consenso no país.

3.4 Perfil do adotante

A adoção no Brasil surgiu com o objetivo de perpetuação da família, principalmente por casais que não podiam gerar filhos. Hoje o tema está associado também a um ato de solidariedade, com o objetivo de ajudar menores que não possuem um lar, ou seja, que não têm família, elevando-os à condição de filhos legítimos (SOUSA, 2011). A Lei nº 12.010 (03 de agosto de 2009), que trouxe novo olhar sobre o tema, alterou a Lei nº 8.069 (13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente) e a de número 8.560, (29 de dezembro de 1992), que revogou os dispositivos da Lei nº 10.406 (10 de janeiro de 2002 - Código Civil) (SOUSA, 2011). A nova lei estabelece que para iniciar o processo de adoção o casal ou mesmo e/ou o solteiro interessado deverá passar por etapas assim descritas.

Quando um processo é ajuizado em uma Vara da Infância e Adolescência, o primeiro ato é o encaminhamento dos autos para as psicólogas e assistentes sociais, que fazem uma avaliação acerca dos dados trazidos sobre adotantes e adotado e, de então, inicia-se, propriamente dito, o processo de adoção, o qual tem por primeira fase as visitas domiciliares, institucionais e entrevistas, estas capazes de consubstanciar os relatórios psicossociais, os quais absolutamente necessários para as decisões dos juízes acerca da viabilidade da adoção. Portanto, adotar uma criança no Brasil, requer um percurso longo e cheio de dificuldades. (SOUSA, 2011, p.33).

A adoção legal é o caminho mais seguro para o processo adotivo, pois evita a ilegalidade (SOUSA, 2011, p.33). No entanto, Sousa (2011) explica que há opiniões diversas sobre a eficácia dessa nova lei, as reclamações, geralmente, partem de pessoas leigas que, muitas vezes, não aceitam os trâmites legais, reafirma Sousa (2011). Cartilha do Portal da Adoção (<http://portaldaadocao.com.br/livros/cartilhas> 2013) reforça que o primeiro passo para quem deseja ser adotante é se “informar, pensar e decidir”. O texto

recomenda ao adotante uma consulta à Vara da Infância e Juventude e a participação nos grupos de apoio à adoção. Dentre os objetivos está o de promover a troca de informações entre pessoas que estão na fila do processo adotivo e aqueles que já vivenciaram a situação. O órgão dispõe ainda de informações sobre a legislação vigente e direciona para materiais de apoio especializado, como livros, cartilhas e sites. A cartilha do Portal da Adoção (2013) explica que:

Algumas famílias procuram a adoção para substituir um filho que não veio. É preciso tomar muito cuidado com isso. O filho que não veio tinha nome escolhido, um rosto que ia combinar os tios e avós. A criança adotada já tem um nome e um rosto diferente dos tios e avós. Ela tem uma história que começou longe da sua família. Essa criança poderá ser seu filho, mas não vai substituir o filho do seu sonho. (CARTILHA PORTAL DA ADOÇÃO, 2013, p.9).

Material que chama a atenção do adotante também para o perfil da criança e/ou adolescente, como: a idade mínima e máxima, cor, sexo, irmãos, condições de saúde entre outras. A Cartilha alerta ainda que em caso de filhos biológicos não podemos escolher sexo, saúde ou se terá irmãos (CARTILHA PORTAL DA ADOÇÃO, 2013, p.13). Segundo série de podcast produzida pela Centra Brasileira de Notícias (CBN), denominado *Vozes*, que aborda a temática, há, no Brasil, 40 mil cadastros de pessoas com desejo de adotar para cinco mil crianças disponíveis para adoção. A série de reportagens, além das discussões sobre os tramites legais de adoção no país e seus entraves, alerta que as crianças que têm irmãos ou alguma deficiência são as com maior dificuldade de encontrar um novo lar.

O perfil do adotante no Brasil era de pessoa casada, com idade superior a 50 anos de idade, já quase sem nenhuma possibilidade de ter filhos biológicos, como dispunha o Código Civil de 1916 (SOUSA, 2011, p.31). A partir de 1957 o perfil se amplia para indivíduos com idade superior a 30 anos. Para Sousa (2011), a mudança representou um grande avanço. No entanto, Sousa diz que o intuito principal era de dar ao maior número de crianças abandonadas um novo lar. Período em que a legislação da adoção fazia distinção entre os filhos adotivos e os legítimos, pois a mesma não envolvia a sucessão hereditária. Apenas em 1988 a legislação deixou bem claro que não se pode mais fazer distinção entre filhos, legítimos ou não, pois os dois gozarão do mesmo direito (SOUSA, 2011, p.31).

A maioria dos adotantes busca por uma criança saudável entre 4 e 5 anos. Se essa tiver irmão, a preferência é por gêmeos. Conforme produção da CBN, que pode ser conferida em <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/277455/vozes-em-debate-adocao.htm>, a família candidata a adoção idealiza um perfil de criança que, quando não atendido, desestimula o processo. Segundo dados levantados pela emissora, 90% das crianças na fila da adoção têm entre 10 e 17 anos, 70% entre 7 e 18 anos. A explicação estaria nos mitos e preconceitos que envolvem as crianças mais velha e deficientes.

Muitos acusam a Justiça de ser lenta e ineficiente. Certamente existem problemas em muitas Varas, mas geralmente não é isso. O problema é que a fila de candidatos à adoção é grande, há muito mais pessoas que querem adotar do que crianças. A maioria das pessoas querem adotar bebês ou crianças pequenas, e existem poucas crianças pequenas. Portanto saiba que vai levar tempo até que chegue sua vez e que apareça mais uma criança de acordo com seu perfil. (CARTILHA PORTAL DA ADOÇÃO, 2013, p.15).

A convivência é mais uma etapa da adoção e uma das mais importantes (CARTILHA PORTAL DA ADOÇÃO, 2013). Esse é o momento para conhecer a criança. Segundo o Portal da Adoção, "pode ser um momento complicado, que deve ser tratado com calma e paciência". Trocar experiências e ouvir histórias, como as que ilustram esse projeto, pode ser uma forma de conhecer mais o tema, assim como os projetos citados pela cartilha: Projeto Acolher, Associação Nacional dos Grupos de Apoio a Adoção, Projeto Recriar, Projeto Aconchego, Filhos Adotivos do Brasil e Quintal de Ana.

CAPÍTULO 2

MEMORIAL DE PRODUÇÃO

2.1 Briefing

O documentário, fruto deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), aborda a temática, com ênfase em casos que fogem a adoção típica no Brasil: criança de até três anos, sem irmãos e sem deficiências. Trabalho que traz relatos de adotantes, além de entrevista com uma juíza da vara infanto-juvenil, que trata do processo de adoção. O material, de 20 minutos de tempo, também conta com depoimentos da psicóloga e professora universitária Analice Vinhal, especialista em psicologia familiar, que aborda a importância da integração do adotado e os adotantes no ambiente doméstico. Ao final do documentário, a produção traz um recorte do cenário brasileiro de adoção, com dados do contexto nacional.

2.2 Objetivo e justificativa

O objetivo deste trabalho ao retratar casos de adoção atípica é combater o preconceito e estimular outras possibilidades aos pretendentes. No Brasil há mais de 4.224 crianças disponíveis para a adoção, destas 1.137 são portadoras de deficiência intelectual ou convivem com problemas de saúde ou doenças infectocontagiosas. Conforme o Sistema Nacional de Adoção, em pesquisa divulgada este ano (2021), a fila de pretendentes soma 32.947 pessoas que possuem o desejo de adotar. Quadro que justifica a proposta aqui apresentada.

2.3 Percurso de produção

O processo de produção de um Trabalho de Conclusão de Curso é um desafio constante, desde a escolha de tema, neste caso baseada no desejo da autora em se tornar futuramente uma adotante. Desejo que teve início quando, aos 12 anos de idade, visitou, com “irmãos da igreja”, um orfanato. Na ocasião, uma das crianças, de aproximadamente três anos, falou: “tia você podia me adotar”.

Com o tema definido, em um primeiro momento foi realizada uma pesquisa bibliográfica. O objetivo foi um maior aprofundamento sobre o formato escolhido para

tratar o assunto, o documentário. O percurso resultou no capítulo teórico do TCC, que traz ainda um debate sobre comunicação. Capítulo que versa ainda sobre a história da adoção, seus principais aspectos no Brasil, e seu fundamento jurídico.

O próximo passo foi a elaboração das pautas, que podem ser acessadas no trabalho escrito (apêndice) e o levantamento das possíveis fontes, com as quais houve um contato inicial ainda no primeiro semestre de 2021. Infelizmente, muitas das fontes acertadas em uma primeira conversa, desistiram de participar do documentário. Diante desse contexto, foram realizados novos ajustes no planejamento do trabalho.

A primeira gravação para o documentário foi realizada no dia 11 de setembro de 2021, com a família da Agnes, no Parque Flamboyant, na cidade de Goiânia. A família da garota mora no interior do estado, em Abadia de Goiás. As gravações tiveram início às 10h da manhã. Em um período de 1h, foram feitas cenas de gravação livre e também de apoio. A Agnes é fruto de um desejo da Paola (mãe da criança) de adotar uma criança do perfil da menina. A busca ativa levou o casal (Beto e Paola) ao estado de São Paulo.

Integra as primeiras gravações a realizada com a professora universitária, mestre em psicologia familiar pela Brigham Young University, Analice Vinhal e com Valéria Kimak, mãe de Maria Clara, ambas colhidas no dia 20 de setembro de 2021. A entrevista com a professora Analice foi gravada no consultório em que a psicóloga atende. A captação foi realizada pelo filmmaker Anderson Silva. Trabalho que resultou em 10 minutos de material.

A entrevista com a empresária Valéria Kimak, mãe de Maria Clara, foi realizada na residência da fonte. Gravação que durou mais de 40 minutos. Ouvir e ver a Valéria contando como ela não desistiu de Maria Clara, todos os sacrifícios que fez pela garota, é muito lindo.

Algo que chamou a atenção da equipe de produção foram as fotos de Maria Clara, sempre muito fofa e esperta. A escolha pela fonte se deve ao fato de ser uma adoção atípica, como as demais que integram o documentário. Maria Clara é deficiente auditiva. Para mim, enquanto autora do projeto, foi um relato muito emocionante. Deixei o apartamento pensando muito acerca da adoção e do que, nesse caso específico, ela representa.

No dia 28 de setembro estava agendada a gravação com a Juíza Maria do Socorro, o que acabou não sendo efetivada, por um desencontro de informações. No dia primeiro de outubro a equipe gravaria também com a família de Helenilce Lopes, que tem três

filhos e adotou outras três crianças (irmãos), o que também configura uma adoção atípica. A entrevista precisou ser remarçada, diante de uma forte chuva que caiu sobre Goiânia.

A última gravação foi com a Juíza Maria do Socorro na Vara da Infância e Juventude no dia 26 de outubro. Durante as gravações, a Juíza alertou de um caso bem interessante de adoção intermediado pela Vara da Infância e Juventude de Goiânia. Assim, deixei a história da Helenilce, por motivos de várias remarcações, e fui em busca do relato da enfermeira, Jussara Maria Pereira, que adotou 5 filhos, dos quais uma tem microcefalia.

A gravação com Jussara e filhos foi realizada no dia 3 de novembro à noite, pois é nesse momento em que todos os filhos estão em casa. Devido a imprevistos, a gravação teve que ser remarcada. A gravação foi efetivada no dia 05 de novembro à noite, na casa da família de Jussara. Eu, particularmente, amei conhecer a história desta família que me inspirou tanto. Durante a produção do documentário, o principal desafio foi conciliar as agendas

3. Lista das entrevistas

Paola de Castro Cunha Oliveira

Adalberto de Oliveira Castro

(Pais da Agnes – realizada dia 11/09/2021)

Jussara Maria Pereira

(Mãe da Luiza, do João Paulo, do Pedro, da Maria Paula e da Maria José – realizada dia 05/11/2021)

Valéria Passos Kimak

(Mãe da Maria Clara – realizada no dia 20/09/2021)

Maria Socorro Souza

(Juíza da Vara da Infância e Juventude de Goiânia - realizada no dia 26/10/2021)

Analice de Souza Arruda Vinhal de Carvalho

(Psicóloga, especialista de família - realizada no dia 20/09/2021)

4. Conclusão

Conclui-se nesse trabalho que a adoção de crianças atípicas é muito baixa em relação aos pretendentes a adotar no Brasil. A faixa etária preferida pelos adotantes, segundo dados da Vara da Infância e Juventude do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA) de 2021, é de 8 anos para baixo.

Vemos que o número de pretendentes a adoção é quase 8 vezes maior do que de crianças a serem adotadas. “Por que a conta não fecha?” Uma das respostas é o baixo número de adoção atípica, que inclui, além de crianças com mais de 8 anos, ou irmãos, as que são portadoras de problemas físico ou intelectual.

Os relatos de adoções atípicas, retratados no documentário “*Não adotei, fui adotado: um relato de adoções atípicas*”, fruto deste Trabalho de Final de Curso (TCC), objetiva então incentivar aos que estão esperando na fila da adoção a pensarem em outros perfis. Acredito, enquanto futuro jornalista, no papel da comunicação no combate ao preconceito. Como lembra M. M. Vicente (2009), a comunicação ligada ao jornalismo utiliza de narrativas que “trabalham mais com o jogo de linguagem, com as ações estratégicas de significação das palavras no contexto, visando estabelecer um diálogo argumentativo entre os sujeitos.”

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ADGHIRNI, Zélia Leal. **O lugar do jornalismo na comunicação**. VIII Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação e da Informação, Intercom, SFSIC e Gresec, LÍBERO - Ano IX - nº 17 - Jun 2006. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/O-lugar-do-jornalismo-na-comunica%C3%A7%C3%A3.pdf>. Acesso em: 31 de mar. de 2021.
- ARAÚJO, Mauro Feliciano. **A espessura do imaginário no documentário**. Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/araujo-mauro-espessura-do-imaginario-no-documentario.pdf>. Acesso em 17 de mar. de 2021.
- BORDANAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. Editora Brasiliense, 1997 Acesso em 01 de mar de 2021, disponível em: <https://introducaocomunicacao.files.wordpress.com/2012/11/o-que-c3a9-comunicacao.pdf>. Acesso em: 17 de mar. de 2021.
- BRAGA, José Luiz. **O que é comunicação**. LÍBERO – São Paulo – v. 19, n. 38, p. 15-20, jul./dez. de 2016. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/794> . Acesso em: 10 de mar de 2021.
- CARLOS, Maíra de Brito. **Pactos Documentários: Um olhar sobre como** 33, de KiKo Goifman, revela novas possibilidades para a prática documentária. Universidade Federal de Pernambuco, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3420>. Acesso em: 21 de mar. de 2021.
- CBN, Gabriela Viana - **VOZES: História e reflexões, ep. 21 – Adoção**. 08/10/2019. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/277455/vozes-em-debate-adocao.htm> . Acesso em: 20 de abr. 2021.
- FREIRE, Március. **Fronteira Imprecisas: o documentário antropológico entre a exploração do exótico e a representação do outro**. Local, ano. Disponível em: www.bocc.ubi.pt Acesso em: 07 de jun. de 2021.
- MELO, C. T. V. de. **O documentário como gênero audiovisual**. Comunicação & Informação. Goiânia, Goiás, v. 5, n. 1/2, p. 25–40, 2013. DOI: 10.5216/c&i.v5i1/2.24168. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24168>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papirus, 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/38122320/Introducao_Ao_Documentario_Bill_Nichols. Acesso em 20 de mar. de 2021.
- RAMOS, Fernão Pessoa. **O que é Documentário?** UNICAMP, 2001. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em 21 de mar. de 2021.
- SOUZA, Antonio Aldny. **Adoção no Brasil e as principais mudanças com a Lei 12.010/09**. Fortaleza – Ceará, 2011. Disponível em: <https://ww2.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/DIR/ADOCADO%20NO%20BRASIL%20E%20AS%20PRINCIPAIS%20MUDANCAS%20COM%20A%20LEI.pdf>. Acesso em 10 de abr. de 2021.
- SOUZA, Gustavo. **O ponto de vista no documentário**. São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273298481_O_ponto_de_vista_no_documentario/fulltext/563df2fe08ae8d65c01401cc/O-ponto-de-vista-no-documentario.pdf. Acesso em 16 de mar. de 2021.
- VICENTE, MM. **História e comunicação na ordem internacional [online]**. São Paulo: Editora UNESP: São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 214 p. 8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 25 de mar. de 2021.
- VIEIRA, Flavia Vilela. **A Evolução do Documentário Brasileiro**. Universidade Federal de Juiz de Fora/ Facom, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1474-1.pdf>. Acesso em 01 de mar. de 2021.
- ITAÚ UNIBANCO. **Cartilha De Adoção**. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/35503938/adocao-cartilha-ita>. Acesso em 19 de abr. de 2021.

Apêndice A - Pautas das entrevistas

Retranca:

ADOÇÃO DEFICIENTE

ENFOQUE:

Mostrar as situações do dia a dia dos adotantes e adotados. Contar como a história do processo de adoção aconteceu. Apresentar os dois lados, tanto como era a vida de ambos antes da adoção quanto a vida após a adoção.

Repórter	Produtor (a)	Data	Horário
Mariana Jardim	Mariana Jardim	20/08 /2021	13h

Entrevistado/ Profissão/ Telefone:

Pais e Filhos

Local

Casa dos pais

Parque da cidade

Ponto de referência:

Localização no whatsapp.

Informações:

O Brasil tem efetivamente 4,9 mil menores esperando por adoção e 42.546 pessoas ou casais que pretendem adotar uma criança. Apesar da aparente abundância de pessoas aguardando a oportunidade de adotar uma criança ou adolescente, **a adoção ainda é complicada e demorada**, além de deixar muitos menores cada vez mais distantes da adoção.

A criança disponível para a adoção é incluída no Cadastro Nacional para a Adoção, e os juizados e varas da infância são quem fazem o elo entre adotantes e os menores cadastrados. **Não há uma maneira automática de vincular adotantes e adotados**, o que pode parecer um primeiro obstáculo. No entanto, é necessário que haja esse vínculo, pois é o juizado e a figura de um juiz ou juíza da Vara da Infância que podem proteger as crianças prestes a serem adotadas.

Apesar da demora que envolve o processo de adoção parecer ocorrer por causa do sistema e da burocracia, não é. A demora acontece porque, infelizmente, a maioria absoluta dos

candidatos a adotantes faz **exigências e demonstra preferências**, que em geral são bem parecidas. Nesse sentido, existem muitos candidatos a adotantes concorrendo pela adoção das mesmas crianças, enquanto muitas esperam até atingirem a maioridade e perderem o direito à adoção.

As preferências para a adoção são, em sua maioria, **crianças brancas, sem irmãos, sem deficiência física ou cognitiva e com baixa idade**. Grande parte dos adotantes prefere adotar crianças com até 2 anos de idade. Quanto mais velha a criança, menor a chance de adoção. As crianças com mais de 10 anos têm chances bem pequenas de serem adotadas.

Dados sobre a adoção no Brasil

Os dados sobre a adoção no Brasil evidenciam uma realidade triste para a maioria das crianças que aguardam a adoção. Os números foram retirados de um simulador feito pelo jornal Estadão^[1] e mostram as dificuldades de crianças com certas características de serem adotadas. Veja os dados a seguir.

→ **Dados gerais:**

- 42.546 pessoas ou casais estão na fila de espera para adotar uma criança;
- 4,9 mil menores esperam a adoção.

→ **Idade:**

- 86,73% dos adotantes não querem crianças com mais de 6 anos de idade;
- 91,94% das crianças disponíveis para adoção têm mais de 6 anos de idade.

→ **Dados sobre as preferências de cor da pele^[2]:**

- 92% preferem crianças brancas;
- 83% preferem crianças pardas (não pela cor em si, mas pela maior disponibilidade);
- 58% preferem crianças amarelas;
- 56% preferem crianças negras;
- 55% preferem crianças indígenas.

Na simulação feita pelo jornal O Estadão, de um recorte de 1000 crianças adotadas, 50% eram pardas; 31%, brancas; e 19%, negras. A maioria parda justifica-se pelo maior número dessas crianças em nosso país disponíveis para a adoção no CNA.

→ **Adoção de irmãos^[3]:**

- 67% querem filhos sem irmãos;
- 33% aceitam adotar irmãos.

→ **Deficiências e doenças:**

- 35% aceitam filhos com doenças em geral;
- 5% aceitam filhos com sorologia positiva para o HIV;
- 6% aceitam filhos com deficiências físicas;
- 3% aceitam filhos com deficiências cognitivas.

As crianças com deficiência cognitiva somam 14% do total de crianças para adoção em uma simulação específica descrita na página, mas apenas 9% foram adotadas. As crianças com deficiência física somam 6% do total, mas apenas 4% delas são adotadas.

Quanto tempo demora um processo de adoção no Brasil?

Quem pretende adotar uma criança ou adolescente deve, primeiro, procurar a Vara da Infância e da Juventude mais próxima e fazer um cadastro. Essa pessoa ou casal deve apresentar seus documentos pessoais, além de comprovante de bons antecedentes criminais e atestado de saúde física e mental. Após a requisição da inscrição, os adotantes devem fazer um **curso preparatório psicossocial**, que visa a preparar e amparar os pais e toda a família, já que passarão por um processo que pode ser desgastante e complexo.

Após o curso, os candidatos à adoção passam por **entrevistas e acompanhamento com psicólogos e assistentes sociais**, que observarão a família e darão seus pareceres ao juiz responsável pelo caso. Nesse ponto também é definida a preferência de perfil da criança que se quer adotar. Se o juiz autorizar a abertura do processo de adoção, os candidatos são incluídos nos sistemas de adoção.

O tempo mínimo de andamento do processo não é longo, pois hoje **não pode passar de quatro meses**. Findado o prazo, um novo processo deve ser aberto. No entanto, a espera de famílias por um perfil desejado de crianças, que na maioria dos casos coincide com uma baixa quantidade de crianças disponíveis, eleva esse tempo a uma média de 3,5 anos, podendo ser maior ou menor e requerindo, hoje, a abertura de vários processos.

Sugestão de Perguntas:

Pais:

- Quando veio a vontade de adotar?
- Como foi o processo de escolher a criança/ adolescente para adotar?
- Como foi o processo judiciário para adoção?
- Qual sentimento de convivência com um novo integrante na família?
- Como era sua vida antes e como se tornou depois da adoção?
- Defina adoção em um sentimento

Filhos:

- Como era sua vida antes de ser adotado?
- Já passou por outras famílias?
- Como se sente nesta família?
- Você já sofreu algum preconceito por ser adotado?
- O que você mais gosta em seus pais hoje?
- O que sente por seus pais?
- Defina adoção em um sentimento

Sugestão de Imagens:

Imagens do cenário da casa: quarto, sala, cozinha. Detalhes das expressões dos entrevistados. Parque da cidade: brincando com os filhos.

TCC 1

Retranca:

ADOÇÃO DEFICIENTE

ENFOQUE:

Mostrar como são os processos de adoção, o que uma pessoa precisa ter para se tornar um adotante efetivamente. Apresentar os dados relacionados a adoção no Brasil.

Repórter	Produtor (a)	Data	Horário
Mariana Jardim	Mariana Jardim	25/08 /2021	13h

Entrevistado/ Profissão/ Telefone:

Juiz da Vara de Infância e Juventude

Local

Secretária da Vara de Infância e Juventude

Ponto de referência:

Localização no whatsapp.

Informações:

Mais de 5 mil crianças estão disponíveis para adoção no Brasil

10 de outubro 2020

Nesta semana se comemora o Dia da Criança e a expectativa de milhares de meninos e meninas em todo país é ter uma família. Dados do Sistema Nacional de Adoção e

Acolhimento (SNA), do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), indicam que mais de 30 mil crianças e adolescentes estão em situação de acolhimento em mais 4.533 unidades em todo o país. Deste total, 5.154 mil estão aptas a serem adotadas.

Uma criança ou adolescente pode receber a medida protetiva de acolhimento institucional ao se detectar uma situação de risco, negligência, abandono, maus-tratos, entre outras violações de direitos. A medida tem caráter temporário, até o retorno da acolhida, por adoção ou reintegração familiar, considerando o interesse da criança e do adolescente.

Para o presidente da Associação Brasileira dos Magistrados da Infância e da Juventude (Abraminj), desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJRS), José Antônio Daltoé Cezar, o Poder Judiciário tem implementado uma visão integral no acolhimento. “Temos observado um grande esforço judicial, desde audiências on-line até a busca por capacitação dos agentes de direito, para que a criança tenha seus direitos como indivíduo respeitados. O próprio CNJ, com uma iniciativa de aprimorar os cadastros de adoção para dar celeridade ao processo contribui para esse contexto mais ágil e buscando sempre a melhor condição para a criança.”

Uma dessas melhorias pode ser traduzida na implantação do SNA, que conta com um inédito sistema de alertas, com o qual os juízes e as corregedorias podem acompanhar todos os prazos referentes às crianças e adolescentes acolhidos e em processo de adoção, bem como de pretendentes. O objetivo é dar mais celeridade na resolução dos casos e maior controle dos processos. Atualmente, a região Sudeste registra mais de 15 mil crianças abrigadas, a maior quantidade do país. Já a região Norte é a que tem o menor registro, com pouco mais de 1,9 mil crianças acolhidas.

O SNA passou a ser obrigatório para os tribunais em outubro de 2019 e passou a integrar os dados de todos os órgãos, realizando buscas automáticas de famílias para as crianças em qualquer região do país. São os dados destes processos que foram unificados eletronicamente e agora são consolidados em tempo real e dão um retrato apresentação de dados sobre adoção e do acolhimento no Brasil.

O tempo que as crianças permanecem nos abrigos é um dos aspectos relevantes a ser observado. Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), esse período não pode ultrapassar 18 meses. “Esse tempo tem que ser breve pois, por mais que a instituição de acolhimento siga as normas, ela nunca vai substituir a família, sobretudo durante a fase da primeira infância, período em que a criança se desenvolve”, analisa o desembargador.

Atualmente, 7.997 crianças na fase da primeira infância – de 0 a 6 anos -, estão em situação de acolhimento, sendo pouco mais da metade do sexo masculino. Deste total, 1.875 crianças com até 3 anos aguardam até seis meses pelo retorno à família de origem ou pela adoção. Já a maior parcela das crianças entre 3 e 6 anos permanece entre 12 e 24 meses nas unidades de acolhimento.

A faixa etária que compõe a maior parte dos abrigados no Brasil são os adolescentes. São 8.643 com mais de 15 anos, sendo mais da metade do sexo masculino. Deste total, 3.142 estão abrigadas há mais de três anos e não têm irmãos nas mesmas condições.

Sugestão de Perguntas:

- Qualquer pessoa pode adotar?
- Como é o processo da adoção no Brasil?
- Qual o perfil de criança mais adotado e qual é o menos adotado?
- Quais dados de adoção temos?
- Defina adoção em um sentimento

Sugestão de Imagens:

Imagens do escritório, detalhes do entrevistado

TCC 1

Retranca:

ADOÇÃO DEFICIENTE

ENFOQUE:

Mostrar como a adoção afeta o psicológicos dos adotantes e adotados. Apresentar como são as crianças que estão pra adoção. Explicar como a adoção muda a vida das pessoas.

Repórter

Produtor (a)

Data

Horário

Mariana Jardim	Mariana Jardim	29/08 /2021	13h
----------------	----------------	-------------	-----

Entrevistado/ Profissão/ Telefone:

Psicóloga

Local

Consultório da Psicóloga

Ponto de referência:

Localização no whatsapp.

Informações:

Processo de adoção e ajuda psicoterapêutica

Atualizado em 26 ago 2020 by Psicóloga Thaiana F. Brotto

A adoção tem um enorme impacto na vida de todos os envolvidos. Seja você um **adotado**, parte de uma família adotiva ou o pai biológico de um filho que foi adotado.

Embora a experiência de cada indivíduo possa variar, para muitos, a jornada será uma faca de dois gumes. Ela traz uma grande quantidade de felicidade e um número igual de desafios.

Se a sua vida foi afetada pela adoção, você pode estar procurando algumas respostas para perguntas específicas, e buscar a **ajuda de um psicólogo** pode ser muito interessante nesse momento.

Como a psicoterapia pode contribuir em processos de adoção

Um psicólogo experiente em processos de adoção pode contribuir grandemente em aspectos como:

- Entender e explorar a maneira como essas pessoas estão se sentindo;
- Desenvolver novas estratégias de enfrentamento;
- Encontrar e ajudar com maneiras de gerenciar o **estresse**;
- Ajudar a entender os efeitos ao longo da vida quando uma pessoa passa pela adoção.

Embora a abordagem de cada **psicólogo** seja diferente de caso para caso, as terapias psicanalíticas e psicodinâmicas são comumente usadas nessa área.

A importância do fortalecimento emocional em um processo de adoção

É importante lembrar que nem todas as histórias de **adoção** são iguais. Algumas pessoas podem não sentir que têm problemas, enquanto outras podem trazer questões e angústias muito profundas por conta dessa dinâmica.

Por si só, a adoção pode ser complicada; além disso, nem todos os fatos do passado podem ser conhecidos com certeza. Desmembrar pensamentos e sentimentos e entender as questões pessoalmente pode não ser uma tarefa fácil.

Cada indivíduo envolvido na adoção – sejam os pais biológicos, o filho e até um pai adotivo ou uma família extensa — provavelmente encontrará algumas dificuldades ao longo do caminho.

Na maioria das vezes, a montanha-russa emocional não termina quando os papéis são assinados e a criança se muda para sua nova família. É provável que o impacto seja indefinido e os problemas associados possam surgir esporadicamente durante toda a vida da criança.

Vamos entender melhor alguns pontos importantes que precisam ser analisados e compreendidos antes e durante uma decisão de adoção. Acompanhe mais abaixo.

Adotados

Parte superior do formulário

De modo geral, a sociedade vê a adoção como uma solução positiva para uma situação negativa que deve levar à felicidade e gratidão. Aqueles que não têm experiência de adoção podem acreditar que crianças e adolescentes devem sentir alívio e, finalmente, apreço quando forem adotados.

No entanto, a realidade da situação pode ser muito diferente. Indivíduos que são adotados quando crianças podem enfrentar **emoções** difíceis e conflitantes.

Muitas crianças colocadas para adoção passam meses — às vezes anos — aguardando adoção. Podem ser transferidos de instituições e todos os problemas que enfrentam sem o apoio real de uma unidade “familiar” pode ser traumático para uma criança de qualquer idade.

Para alguns, isso pode levar ao desenvolvimento de problemas comportamentais e emocionais que podem acompanhar esse indivíduo até à vida adulta.

Compreensivelmente, muitas crianças e adolescentes podem ver sua adoção como uma forma de rejeição de seus pais biológicos. Os adotados podem se sentir merecedores de **rejeição**, acreditando que talvez haja algo fundamentalmente errado com eles.

Descobrir o processo de adoção

Se você é informado quando criança ou mais tarde na vida que é adotado, pode ser um choque enorme. As reações comuns incluem todo um processo de negação, como descrença, confusão, **raiva**, tristeza e perda.

A identidade costuma ser um problema para os adotados, principalmente na adolescência – quando nosso senso de identidade se torna muito importante. Muitas vezes, é o desconhecimento que faz com que muitos adotados tenham perguntas sobre quem são; a

circunstância por trás de sua adoção, seus pais biológicos e, finalmente, por que eles foram ‘abandonados’.

Rastreando pais biológicos

É compreensível querer saber mais sobre o passado e se reconectar com os pais biológicos.

Antes de dar esse passo, é aconselhável discuti-lo com os pais adotivos e também um psicoterapeuta, pois é provável que seja um empreendimento emocional complexo.

Os adotados devem se preparar para os seguintes resultados:

- Um ou ambos os pais podem ter uma nova família / parceiro / filhos;
- Os pais biológicos podem não querer conhecer seu filho ou podem perder o interesse em manter contato após um curto período;
- O(s) pai(s) biológicos podem não ser capazes de fornecer respostas para determinadas perguntas e podem não querer entrar em detalhes sobre a adoção em si ou a vida antes ou depois do nascimento.

Uma conexão pai-filho instantânea pode não ser formada, o que pode resultar em decepção e é preciso estar preparado para isso.

Pais adotivos

Parte superior do formulário

Parte inferior do formulário

Embora seja verdade que muitos pais adotivos vivem uma vida extremamente feliz e realizada, cuidar de uma criança que teve um começo difícil na vida e dar-lhe um futuro cheio de amor e apoio traz consigo vários desafios.

Indivíduos que estão considerando adoção receberão um serviço de aconselhamento como parte do processo. A ideia é ajudar os possíveis adotantes a explorar seus sentimentos e garantir que eles levem a sério a adoção de uma criança.

Algumas crianças terão experimentado negligência, abuso ou grande agitação em suas vidas e apresentarão um conjunto diferente de desafios em termos de cuidados. O aconselhamento ajudará os possíveis adotantes a entenderem e se prepararem para esses desafios.

Justamente por conta de todos esses contextos que precisam ser profundamente analisados por todos os envolvidos, que um processo de adoção é longo e detalhado,

passando por vários profissionais altamente competentes que farão as devidas avaliações se uma família está, de fato, apta a fazer uma adoção.

Também é muito importante ressaltarmos que o texto informado trouxe apenas alguns pontos que podem ser considerados em um processo de adoção, mas que cada caso é um caso; existem inúmeros contextos familiares envolvidos, e, por isso, essa é uma decisão muito séria e que precisa ser tratada diretamente com os profissionais direcionados para isso, seguindo todas as instruções à rigor da lei.

Sugestão de Perguntas:

- Como é a mente das crianças que já passaram por várias famílias até encontrar uma para ficar?
- Como as crianças e adolescentes vencem o trauma de abandono? A adoção é um caminho?
- O que a adoção causa em adotantes e adotados?
- Qual os benefícios psicológicos da adoção?
- Defina adoção em um sentimento

Sugestão de Imagens:

Imagens de cenário do consultório e detalhes da entrevistada

TCC 1

Retranca:

ADOÇÃO DEFICIENTE

ENFOQUE:

Mostrar como a adoção afeta o psicológico dos adotantes e adotados. Apresentar como são as crianças que estão pra adoção. Explicar como a adoção muda a vida das pessoas.

Repórter

Produtor (a)

Data

Horário

Mariana Jardim	Mariana Jardim	29/08 /2021	13h
----------------	----------------	-------------	-----

Entrevistado/ Profissão/ Telefone:

Representante de algum orfanato de preferência o que as crianças adotadas

Local

Orfanato

Ponto de referência:

Localização no whatsapp.

Informações:

Mais de 5 mil crianças estão disponíveis para adoção no Brasil

10 de outubro 2020

Nesta semana se comemora o Dia da Criança e a expectativa de milhares de meninos e meninas em todo país é ter uma família. Dados do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA), do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), indicam que mais de 30 mil crianças e adolescentes estão em situação de acolhimento em mais 4.533 unidades em todo o país. Deste total, 5.154 mil estão aptas a serem adotadas.

Uma criança ou adolescente pode receber a medida protetiva de acolhimento institucional ao se detectar uma situação de risco, negligência, abandono, maus-tratos, entre outras violações de direitos. A medida tem caráter temporário, até o retorno da acolhida, por adoção ou reintegração familiar, considerando o interesse da criança e do adolescente.

Para o presidente da Associação Brasileira dos Magistrados da Infância e da Juventude (Abraminj), desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJRS), José Antônio Daltoé Cezar, o Poder Judiciário tem implementado uma visão integral no acolhimento. “Temos observado um grande esforço judicial, desde audiências on-line até a busca por capacitação dos agentes de direito, para que a criança tenha seus direitos como indivíduo respeitados. O próprio CNJ, com uma iniciativa de aprimorar os cadastros de adoção para dar celeridade ao processo contribui para esse contexto mais ágil e buscando sempre a melhor condição para a criança.”

Uma dessas melhorias pode ser traduzida na implantação do SNA, que conta com um inédito sistema de alertas, com o qual os juízes e as corregedorias podem acompanhar todos os prazos referentes às crianças e adolescentes acolhidos e em processo de adoção, bem como de pretendentes. O objetivo é dar mais celeridade na resolução dos casos e maior controle dos processos. Atualmente, a região Sudeste registra mais de 15 mil crianças abrigadas, a maior quantidade do país. Já a região Norte é a que tem o menor registro, com pouco mais de 1,9 mil crianças acolhidas.

O SNA passou a ser obrigatório para os tribunais em outubro de 2019 e passou a integrar os dados de todos os órgãos, realizando buscas automáticas de famílias para as crianças em qualquer região do país. São os dados destes processos que foram unificados

eletronicamente e agora são consolidados em tempo real e dão um retrato apresentação de dados sobre adoção e do acolhimento no Brasil.

O tempo que as crianças permanecem nos abrigos é um dos aspectos relevantes a ser observado. Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), esse período não pode ultrapassar 18 meses. “Esse tempo tem que ser breve pois, por mais que a instituição de acolhimento siga as normas, ela nunca vai substituir a família, sobretudo durante a fase da primeira infância, período em que a criança se desenvolve”, analisa o desembargador. Atualmente, 7.997 crianças na fase da primeira infância – de 0 a 6 anos -, estão em situação de acolhimento, sendo pouco mais da metade do sexo masculino. Deste total, 1.875 crianças com até 3 anos aguardam até seis meses pelo retorno à família de origem ou pela adoção. Já a maior parcela das crianças entre 3 e 6 anos permanece entre 12 e 24 meses nas unidades de acolhimento.

A faixa etária que compõe a maior parte dos abrigados no Brasil são os adolescentes. São 8.643 com mais de 15 anos, sendo mais da metade do sexo masculino. Deste total, 3.142 estão abrigadas há mais de três anos e não têm irmãos nas mesmas condições.

Sugestão de Perguntas:

- Como as crianças vem parar aqui?
- Como é o dia a dia destas crianças?
- Em média quantas crianças são adotadas por ano?
- Qual a faixa etária mais procurada?
- Quantas crianças e quantos adolescentes tem aqui?
- Defina adoção com uma palavra

Sugestão de Imagens:

Imagens de cenário do orfanato e detalhes da entrevistada

Apêndice B - Decupagem

Decupagem - Agnes

- Entrevista parte 1
- A vontade de adotar: 00:17 - 01:56
- Foi um desejo diferente: 01:58 - 02:27 apaixonado por pessoas com síndrome de DOWN
- Decidimos entrar na fila de adoção: 03:30 - 04:06 começou o processo
- Você preenche um perfil: 04:06 - 04:29 sistema nacional de adoção
- Começa a ansiedade: 04:31 - 05:04 a gente começou a fazer essa busca
- Como a gente queria uma criança: 05:09 - 05:45 buscar essas crianças nos abrigos
- Nós começamos a buscar ligar: 05:48 - 06:40 dos outros estados
- A Paola teve a ideia de fazer: 06:42 - 08:05 do cadastro
- Eles precisavam de encontrar pais p/ ela: 08:12 - 09:08 respiração deficiente também
- Hoje tá aqui cheio de saúde: 09:19 - 09:23 maravilhosa
- Erro de gravação: 09:23 - 09:32
- Depois que a Agnes chegou 09:51- 11:09 p/ ficar mais livre
- Erros de gravação: 11:17 - 11:23
- A Agnes precisa de uma série de terapia: 11:26 - 11:46 acompanhamentos médicos

Entrevista parte 2

- Hoje a gente recebe muito mais amor: 00:42 - 01:47 parece um chimpanzé preto
- Machuca, ao mesmo tempo que machuca: 02:07 - 02:25 o quanto ela é amada
- Só depois da chegada da Agnes: 02:47 - 03:37 deixar passar
- Nós sabemos que ela ainda vai passar: 03:38 - 04:12 esse é nosso objetivo
- A gente também desejava ter filhos biológicos: 04:38 - 05:23 p/ completar a família (teaser)
- A Agnes está começando a entender: 05:43 - 06:09 Júlio tá aqui
- Erros de gravação: 06:12 - 06:15
- Adoção não tem outro sentimento: 06:26 - 06:56 é o que nos move todos os dias
- Beijinho “melhor presente” 07:00 - 07:09 (colocar no teaser)
- Entrega quando eu falo entrega: 07:11 - 07:38 pro universo como um todo
- Nada paga isso: 07:56 - 08:27 foi a nossa gravidez
- Ela teve a gestação dela: 08:40 - 08:54 como um todo
- Filho na verdade : 08:54 - 09:12 - beijinho no final (conclusão do documentário)

Entrevista Valéria parte 1

- Faço parte de um grupo há mais de 40 anos 03:40 - 04:30 dia das crianças diferente
- E nesse dia minha filha estava lá 04:31 - 04:44 - eu que descobri que ela era surda

- Ela era a única que não interagia 04:50 - 05:08 - essa menina é uma débil mental
- Quando eu escutei isso é olhei pra cara dela, da pequena 05:12 - 05:44 eu que descobri que ela era surda
- Cheguei em casa desesperada 05:59 - 06:31 Eu cheguei em casa louca porque eu queria que ela escutasse
- Fui ao juizado e falei com o Maurício 07:00 - 07:19 quando me apresentou o projeto anjo da guarda
- Ele falou Ela não vai entrar no projeto 07:41 - 08:17 a gente tem uma história com ela em Minas Gerais
- Foi detectado que ela não tinha cloqueia 09:02 - 09:30 fiquei arrasada
- Quando eu fui devolver ela pro abrigo 09:30 - 09:50 vou ser madrinha dela
- Na hora de voltar pro abrigo 10:10 - 11:17 ela é minha não é de mais ninguém
- Cheguei pro meu marido Pedro 11:40 - 11:56 meu pai tá morrendo não vamos adotar
- Peguei meu filho do meio o Ruan 12:00 - 12:30 eu quero eu quero
- Peguei o Ruan na escola 12:40 - 13:10 não quero conhecer
- Quando ele viu, ela vou - 14:05
- Foram 10 meses de brigada 14:15 - 14:56 atrás de uma tia dela em Minas Gerais
- Briguei no dia da primeira audiência 17:19 - 18:22 consegui fazer a destituição familiar pelo desinteresse dessa tia
- Eu não sei nada de libras 18:40 - 19:13 comecei a estudar sobre implante cloquear
- Em 2009 ela foi adotada em 2007 19:20 - 20:16 plano de saúde você quer? Faça
- Ai eu fui na Unimed R\$ 90,00 20:19 - 22:34 me mudei pro hospital até ela ser operada
- Foram doze horas de cirurgia 22:36 - 24:03 e é isso
- A gente sofreu muito, porque que adotou? 24:03 - 24:31 se você disse não que ai que é sim
- Eu falei Não eu vou montar um grupo 24:33 - 24:53 porque é uma verdade
- Aqui meu pai, Maria Clara no primeiro passei 27:05 - 28:30 trabalhos da fono
- Aqui foi o primeiro banho de piscina 30:18 - 30:47 os amigos em comum
- E ela fez todos os esportes 32:04 - 32:27 preguiça
- Única tristeza que eu tenho é 32:49 - 33:10 minha filha teve dois dias de aula e veio a pandemia
- Ai veio a adolescência neh 33:38 - 34:06 celular

Entrevista Valéria parte 2

- Eu espero que minha filha 00:14 - 00:45 - Meio complicado
- Adoção entra é o DNA da Alma - 01:35 - 01:52 - A gente que é adotado, nós que somos escolhidos
- Adoção vem pra mudar nossas vidas 02:28 - 02:51 - você só precisa dar amor
- Adoção pra mim é ato de amor 03:00 - 03:16 - Quero viver o céu aqui com eles
- A adoção é um caminho sem volta 04:18 - 04:44 - vem antes de qualquer burocracia
- Naquele momento que ela pegou no meu pescoço e me agarrou tive certeza que era minha filha - 04:45 - 04:57 até hoje se não tivesse sido fácil

Entrevista Analice

- Por ser muito difícil a criança perceber 00:58 - 01:49 o fator família é muito importante no desenvolvimento da criança
- Adoção possibilita a criança 02:38 - 02:56 ajuda de profissionais
- O processo de adoção é importante que tenha acompanhamento 02:57 - 03:07 aprendendo a lidar com essa nova realidade
- Eu acredito muito na adoção 03:07 - 03:29 adoção é uma possibilidade
- Se for uma família que souber 04:02 - 04:50 realidade da família pela qual foi adotada
- A gente tem muitas crianças 05:24 - 06:09 um bom desenvolvimento
- Quando a gente para pra pensar no número de crianças que estão na lista de espera 06:12 - 06:46 como gostariam que os filhos fossem
- Eu sou fã da nossa lei de adoção 06:56 - 07:39 a lei em si é muito bonita e como o processo é feito
- Eu acho que precisar mudar é as pessoas entender que não precisam adotar crianças 07:45 - 08:13 que tanto caracteriza nossa cultura
- Adoção pra mim é 08:20 - 08:38 um ato de amor

Decupagem- 26/10 Maria do Socorro juíza

- A adoção está previsto no estatuto da criança e do adolescente 02: 05 – 02:48 nossa equipe vai entrar com o processo de habilitação
- Aquela pessoa solteira ou casada Deve procurar o juizado e a equipe técnica entrará com o processo habilitação 02:30 – 03:03 entregar a uma família pretendente
- Hoje temos chegar de 40mil pessoas cadastrado 03:35 – 04:22 chamados para vir conhecer
- Por que que não bate o número 04:40- 04:42 // O perfil que tem maior número 05:10 – 05:34 criança até 3 anos de idade
- O que é adoção pra você?

É um ato de muito despendimento 09:22- 10:02 e passa a ser parte da sua família

- Entrevista parte Jussara e filhos 1

- Foi adotado com dois – 00: 32 – 00:34 // Quando as pessoas perguntam eu acabo contado 01:06 – 01:14 de 5 pais diferentes
- Acha como se fosse coisa de outro mundo 01:17 – 01:38 – nunca tive problema com isso (João Paulo)
- (corte nela) Eu também fui adotada 03:07 – 04: 39 e ela ficou 8 anos no condomínio sol nascente (Jussara)
- A Luíza veio com uma dificuldade 05:08 – 05:29 todo mundo se junto para fazer o melhor pela Luiza (Jussara)

- Entrevista Jussara parte 2

- (legenda a fala da Luíza) Meu nome é Luíza eu tenho 13 anos e eu sou mais velha que meu irmão, Sou a mais nova de todos (Luiza) 03:39 – 03:50 // Você é feliz? Eu sou! Quem que você mais gosta? Mamãe! E além da mamãe? Da Maria Paula, Do João, e o Pedro, e a Maria José? Eu amo eles, mas ela não esta aqui - 04:10 – 04:26
- Como nós fomos descartados entre aspas outras pessoas são, e sempre tem alguém como minha mãe, com o coração grande pra isso, pra resgatar essas pessoas e dar um futuro pra elas 06:59 – 07:14

- Entrevista Jussara parte 3

- Erros de gravação: mudoOu minha vida agora eu tenho uma familia 01:12 – 01:16

Apêndice C - Roteiro

- Nome do documentário com o fundo branco como no teaser (00:00 – 00:07)

- obs: fotos em formato de polaroid com a mesma foto de fundo embaçada

*INTRODUÇÃO:

- PAOLA: Beijinho: O melhor presente que a gente poderia ter ganhado na vida (00:08-00:14)

- VALÉRIA: A gente sofreu muito, porque que adotou? Você já é mãe biológica, tá procurando uma cobra pra te picar, uma sarna pra se coçar. Preta, surda, não, todo os absurdos de parentes (00:15 – 00:34)

- ANALICE: A gente tem muitas crianças que apresenta quaisquer que apresenta quaisquer as vezes tipos de dificuldade seja na aprendizagem ou num outro tipo de doença e que elas ficam anos a fio, esperando para ser adotada. Existem pessoas, existem famílias também que são tão dedicadas é tão amorosas que adotam as crianças independente de. Independente dessa criança ter alguma dificuldade ou algum problema, seja lá o que for. Então pra aquelas que passaram por essa situação de ter que pessoas que amém independente do que a criança tem ou deixa de ter, tanto a criança quanto o adolescente tem possibilidades grande de um bom desenvolvimento (00:35 – 01:19)

- JUSSARA: Aqui é uma mãe adotada mais 5 filhos adotivos, essa é nossa família essa é nossa história (01:20 – 01:25)

- JUÍZA: A adoção está previsto no estatuto da criança e do adolescente e ela se dá através de um processo (01:26 – 01:34)

*DESENVOLVIMENTO:

- ADALBERTO: Foi um desejo diferente então quando ela comentou comigo eu veio aquele baque, aquele sabe não é assim. Só que nós fomos levando, noivamos, casamos, e ao longo do tempo eu fui estuda sobre o tema, sobre síndrome de down, fui vendo vídeos e lendo artigos sobre o assunto. Quando eu vi apaixonado por pessoas com síndrome de DOWN (01:35 – 02:06)

- PAOLA: Decidimos entrar na fila de adoção, foi uma iniciativa do meu esposo do meu esposo que a gente começasse o processo, eu já tava nessa expectativa há muito tempo mas pra ele, eu precisava da escolha dele também. Você não adota uma criança sozinha quando se é casada, então tem que ser a escola de toda família. Então quando a iniciativa partiu dele, a gente entrou na fila da adoção, o processo de adoção é um processo muito burocrático, tem todas as etapas, a gente levou a documentação na Vara da Infância e assim começou o processo (02:07 – 02:43)

- VALÉRIA: E nesse dia minha filha estava lá, só que só que eu não sabia que ela seria minha, não tive intenção nenhuma de adotar porque eu já tinha dois filhos biológicos. Na época eu que descobri que ela era surda (02:44 – 02:56). Imagens: Foto 1

- JUSSARA: (corte nela) Eu também fui adotada com 6 anos de idade, e eu nunca pensei em ter filhos, mas aí a idade foi chegando e tal aí eu pensei, aí teve, surgiu a oportunidade de uma adoção que foi do Pedro, eu morava em Brasília, trabalhava em Brasília. Aí eu entrei no Juizado direitinho sabe? Depois, um ano e meio depois veio a Maria José, o Pedro nasceu dia 02 e dia 03 de novembro ele estava comigo, então com um dia. A Maria José nasceu dia 23 de junho e dia 13 de agosto ela estava comigo, adoção legal, aí depois eu mudei pra Goiânia, eu ficava muito sozinha com ele, aí eu vim pra Goiânia. Eu trabalhei um mês em Inhumas e lá em Inhumas eu conhece o pessoal do Conselho Tutelar aí eles me ligaram um dia pedido pra mim ser uma família acolhedora, e eu fui família acolhedora do João. Ele veio com 2 anos de idade e aí o João foi ficando, ficando, nós fomos criando vínculos, os meninos, eu e ele também. Eu resolvi adotar-ló, e depois veio a Maria Paula, a Maria Paula nasceu dia 18 de fevereiro e dia 18 de fevereiro ela estava comigo. E depois veio a Luíza, a Luíza nasceu com microcefalia, ela ficou no Materno, a mãe deixou no Materno e ela ficou 8 anos no condomínio sol nascente (Jussara) // A Luíza veio com uma dificuldade, problema ocular teve que fazer cirurgia, tinha dificuldade no caminhar na fala, então a Luíza foi um resgate muito grande da nossa família, nos aproximou muito porque todo mundo se junto para fazer o melhor pela Luíza (Jussara) (02:57 – 04:54)

- LUIZA: (legenda a fala da Luíza) Meu nome é Luíza eu tenho 13 anos e eu sou mais velha que meu irmão, e eu sou a mais nova de todos (Luíza) // Você é feliz? Eu sou! Quem que você mais gosta? Mamãe! E além da mamãe? Da Maria Paula, Do João, e o Pedro, e a Maria José? Eu amo eles, mas ela não está aqui (04:55 – 05:22)

- ADALBERTO: A Paola teve a ideia de fazer uma campanha nas redes sociais pra que nós conseguíssemos encontrar nossa filha, nossa bailarina (05:23 – 05:30)

- PAOLA: A gente na verdade pediu ajuda pros amigos, assim pediu que essa busca ativa fosse feita pelos amigos e se eles soubesse de alguma criança, claro não uma criança que desejam entregar, mas uma criança destituída do poder familiar, uma criança de abrigo e se eles soubessem nos informar. Daí nós fizemos um banner de procura-se mesmo é esse banner rodou o país inteiro, as vezes a gente ligava em algumas comarcas e eles já tinham recebi o por outras pessoas, até que no Estado de onde a Agnes veio, São Paulo na comarca que ela estava eles receberam, ele souberam e ligaram para confirmar se era verdade. Porque lá tinha uma criança com T21 estava internada, com a saúde debilitada, e ele estava procurando pelas vias tradicionais e não conseguiram encontrar pais pra ela, devido se um perfil muito específico e ela está na UTI, ela foi sendo rejeitada pelas outras famílias do cadastro. (05:31 – 06:45) : Imagens: Foto 2, 3 e 4.

- VALÉRIA: Ela era a única que não interagiu, eu levei banda de música, palhaço, mágico, sorvete, e ela quietinha no canto. No chegar quietinha no canto eu chamei uma cuidadora, uma assistente social, porque que ela não vai participar? Essa menina é uma débil mental // Quando eu escutei isso é olhei pra cara dela, da pequena, débil mental nunca foi, qual o nome dela? Maria Clara. Então eu a chamei de costa e ela não respondia, aí eu peguei a chave do meu carro balancei, “ Maria Clara” e ela não piscava, e eu já tinha muita intimidade, muita abertura no abrigo, fui na cozinha, peguei a tampa de panelas gigantes do abrigo e bati como se fosse dois pratos de banda de música nas costas dela, e olhando pra ela e ela não piscava aí eu que descobri que ela era surda // IMAGENS: foto 1 (06:46 – 07:40)

- PAOLA: Eles precisavam de encontrar pais p/ ela antes da cirurgia, para que ela tivesse acompanhantes para cirurgia, aí a gente confirmou que de fato a gente queria muito. Ela era exatamente nosso perfil, e na semana seguinte a gente já estava lá com ela. (07:41 – 07:58).

- ADALBERTO: No dia que nós conhecemos a Agnes, foi exatamente o dia que ela completava 2 meses de vida, e foi um encontrou-se almas, como costumamos falar. (07:41 – 08:09)

- PAOLA: Foi o dia mais lindo da nossa vida, quando batente entrou na UTI e viu essa coizica aqui, bem pititica que agora é grandona, mas ela era muito pequena e tava lá cheia de aparelhinho ligado, da UTI neh, a respiração era muito ofegante, tinha deficiência cardíaca que fazia com que a respiração dela ficasse deficiente também //IMAGENS: foto 2 , foto 1, foto 9, foto 16 e foto 5 (07:41 – 08:37)

- VALÉRIA: Cheguei em casa desesperada naquela época em 2007 meu sogro já estava convalescendo com câncer de pulmão, e ele já era viúvo e eu era a única nora e os cunhados daquela época solteiros. Então eu já tinha além da responsabilidade do trabalho em ser mãe dos dois pequenos, eu ainda cuidava do meu sogro quando tinha tempo. Eu cheguei em casa e fiquei louca preocupada porque eu queria que ela escutasse, foi deitado que ela não tinha cóclea, o que que é a cóclea? Você tem a bigorna o martelo e aquele caracolzinho que é a onde vc tem o som, que se propaga no seu cérebro todas as ondas e você escuta. Então nesses exames foi detectado que ela tinha 100% de surdez aí eu fiquei arrasada. (08:37 – 09:33)

- JUSSARA: Ai eu resolvi ficar com a Luíza e já tem 5 anos que ela está com a gente (09:34 – 09:40)

- ANALICE: O processo de adoção é importante que tenha acompanhamento neh? psicológico, que a criança vá aprendendo lidar com essa nova situação, essa nova realidade. (09:41 – 09:50)

- AGNES: A Agnes precisa de uma série de terapia neh, a gente vê toda diferença nisso dessa rotina de terapias; então tive que me organizar para poder levá-la as terapias, para que ela tivesse todos os acompanhamentos médicos //IMAGENS: foto 5, foto 6, foto 7, foto 8 (09:51 – 10:11)

- VALÉRIA 1: Em 2009 ela foi adotada em 2007 dói anos depois vi o Paulo Henrique Amorim no Domingo Espetacular que é o concorrente do Fantástico falando sobre implante cloquear, na hora entre no link do programa passei o e-mail resumo minha história, “tenho uma filhaaaa...”, isso foi em maio em outubro o Hospital de Clínica me chamou lá em São Paulo fui pra lá conheci o médico que é o Robson Cogi o japonês. Ele falou assim existem 600 crianças surdas na fila do sus faz dois por mês quanto apurando 24 sua filha vai demorar 15 anos pra escutar não vai qual que é a segunda opção plano saúde eu falei não tenho pois então você tem que passar por um 12h00 de cirurgia aí minha filha tem um implante e hoje eu é que escuto eu te amo ela fala eu tenho áudios dela aqui, existe a convivência o vício da linguagem mas dá pra você escutar muita coisa, até as broncas que ela me dá,, você entendeu? Mas assim maravilhoso eu sou assim, eu não conseguiria viver, é chata é, tá na adolescência tá, os outros dois são dois pentelhos? São! Vou dizer que é maravilha? Não. É chata igual você chata com sua mãe, igual eu fui

chata com minha mãe, não tem esse negócio de idolatrar, passar à mão na cabeça, filho e é filho não tem diferença. Filho é filho e cabou, ela tem os puts dela que é moça mas a gente assim é super de boa, “veia deixa eu te falar, mãe tô no shopping flamboyant posso te falar uma coisa você vai ficar brava comigo? Sim ou não?”. Você tá entendendo? Coisa de adolescente pentelha, então é isso. (10:12 – 12:42)

- AGNES 2: Hoje a gente recebe muito mais amor do que ódio, graças a Deus. A Agnes ela é muito amada, não só pela família mas hoje ela tem amigos, seguidores que acompanham a rotina dela e que são apaixonados por ela, mas como nem tudo são flores, a gente também encontra pessoas que tem ódio gratuito que tem preconceito, que tem capacitismo, e já recebemos mensagens de racismo, tanto velado quanto racismo explícito, os gelados a gente vê quando a gente recebe algum comentário falando: “ah o cabelo item que ficar preso porque tá feio”, alguma coisa desse tipo, nos olhares. Mas também já teve preconceito explícito de pessoas que mandaram mensagem falando assim: “como pessoas, brancas, pessoas perfeitas, adotaram uma criança que parece um chimpanzé preto, a gente recebeu mensagem nesse nível de preconceito. // IMAGENS: cena de apoio linguinha// (12:42 – 13:50)

- ADALBERTO: Machuca, ao mesmo tempo que machuca porque é doloroso você vê isso, porque é falando da nossa filha, mas ao mesmo tempo que machuca que mexe com a gente nos dá mais motivação pra falar, para discutir para mostrar o quanto ela é linda, quanto é maravilhosa, quanto ela é amada // IMAGENS: cena de apoio debaixo pra cima (13:51 – 14:08)

- VALÉRIA: Única tristeza que eu tenho é no preconceito escolar, sempre, não existe inclusão hoje ela está numa escola estadual, até o ano passado eu coloquei numa escola dita inclusa, mas eles só querem seu dinheiro, eles não tem inclusão nenhuma. Então coloquei numa escola estadual, através de um amigo meu Dalson, que é da escola de libra Chaplin “coloca na escola estadual Colemar, lá você vai ter uma inclusão”. Eu fui adotada por um grupo de professores maravilhosos,, minha filha teve dois dias de aula e veio a pandemia // IMAGENS: foto 9, foto 10 e foto 11(14:09 – 14:48)

- JUSSARA1: Tem dificuldades, ser mãe solteira é muito difícil hoje você fala assim você se arrepende de ter adotado? Não, só queria um companheiro para dividir e servir de, assim pra ajuda-lo na caminhada deles, porque acho importante essa questão, sabe?. (14:49 – 15:07)

- ANALICE: Quando a gente para pra pensar no número de crianças que estão na lista de espera, principalmente crianças mais velhas neh e as vezes crianças com algum tipo de dificuldade é que a gente vê que ainda existe uma resistência muito grande das família adotarem crianças ou adolescentes que como você falou pelo seu trabalho, não se adequam a esse modelo, não se adequam a um ideal, ou figura idealizada que esses pais tem de filhos e de como gostariam que os filhos fossem /// Eu acho que o que ainda precisa mudar é as pessoas entender que não precisam adotar crianças pequenas, brancas, loiras do olho azul neh? Nós temos uma diversidade de pessoas no mundo e no Brasil, de diversidade de crianças, a gente que aprender também a respeitar essa diversidade e acolher essa diversidade, que tanto caracteriza nossa cultura (15:07 – 16:15)

- VALÉRIA 2: Adoção entra é o DNA da Alma, não é um simples sangue não é exame de beta hcg, eu falo que a gente que é adotado, nós que somos escolhidos. Mas a Adoção vem pra mudar nossas vidas, porque é um amor triplicado, não entre na adoção achando que vocês vão pro céu, não entre na adoção achando que vocês são melhores que ninguém, não eles não precisam ser gratos, eles não precisam puxar teu saco, você só precisa dar amor// IMAGENS: foto 12 (16:16 – 16:53)

- PAOLA: Nada que move mais a adoção que o amor, porque adoção não é caridade, adoção não é remédio pra depressão, não salva casamento. Adoção ela tem que ser feita neh baseado simplesmente no desejo puro do amor e foi isso que nós moveu e é isso que nos move todos os dias. (16:53 – 17:17)

*FINAL

- VALÉRIA : Adoção pra mim é ato de amor, só isso, você não precisa esperar nada é muita gente assimila adoção com caridade, “nossa você vai pro céu hein!”. Não quero ir pro céu, quero viver o céu aqui com eles. (17:18 – 17:33)

- ANALICE: Adoção pra mim é um ato de amor é simplesmente uma atitude em nome de um sentimento muito maior que nós, na nossa cultura chamamos de amor. Isso pra mim que é adoção, um ato de amor. (17:34 – 17:48)

- JUSSARA1: É aquela música do Caetano Veloso quem ama cuida, quem cuida ama o cuidar faz vir o amor // Amor não é mensurável são pessoas diferentes, com histórias diferentes mas eu sou capaz de dar minha vida por eles // IMAGENS: cena de apoio parte 5 – abraço (17:49 – 18:05)

- JUÍZA: É um ato de muito despendimento de muito amor, porque aquela pessoa que pretende adotar ela vai assumir a maternidade. O exercício da paternidade de uma criança ou adolescente que não é do seu sangue e que ela se compromete amar como se fosse seu, como se fizesse parte do seu corpo e passa a ser realmente parte da sua família (18:05 – 18:37)

- ADALBERTO: Entrega quando eu falo entrega, tô falando de entrega de corpo e alma, quando você decide adotar você faz uma entrega, seja de carinho, sentimento, tempo, investimento em todos os sentidos então pra mim é uma entrega que você faz pra família pra quem tá sendo adotada e pro universo como um todo, // IMAGENS: Cena de apoio samba lele e Cena indo e voltando (18:38 – 19:03)

- PAOLA: Filho na verdade só é adotivo ou biológico antes da chegada, depois que chega é filho, então não importa mais é a mesma coisa o mesmo sentimento, por ele, por ela é a mesma coisa.

- CENA FINAL: beijinho no final (19:03- 19:23) (conclusão do documentário)

- fundo branco e letras pretas: Dados cedidos pela Vara de Infância e Juventude de Goiânia – Dados do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA) 2021:

- Crianças disponíveis para adoção no Brasil: 4.224 destas:
• 2.283 estão vinculadas para adoção com irmãos

- 413 possuem deficiência intelectual
 - 686 com problema de saúde
 - 38 tem doenças infectocontagiosas
- Crianças disponíveis para adoção em Goiás: 88
 - Crianças disponíveis para adoção em Goiânia: 12
 - Pretendentes disponíveis para adoção no Brasil – 32.947
 - Pretendentes disponíveis para adoção em Goiás – 1000
 - Pretendentes disponíveis para adoção em Goiânia- 349 (19:24 – 19: 41)

***CRÉDITOS: (19:42 – 20:00)**

PRODUÇÃO E ROTEIRIZAÇÃO

Mariana Jardim

FILMAGEM

Anderson Silva, Ceo Produtora Golden Films

EDIÇÃO

Daniel Bernardoni

IMAGENS

Arquivo pessoal dos próprios entrevistados

ORIENTAÇÃO

Denize Daudt Bandeira

MÚSICAS

Grace will lead me home, composição de Benji Cowart, David Dunn e Hank Bentley, 2018.

Good 4U, composição de Daniel Leonard Nigro e Olivia Rodrigo, 2021

ENTREVISTADOS

Paola de Castro Cunha Oliveira – Mãe da Agnes

Adalberto de Oliveira Castro - Pai da Agnes

Jussara Maria Pereira – Mãe da Luíza, Pedro, Maria Paula, Maria José e do João Paulo

Valéria Passos Kimak – Mãe da Maria Clara

Maria Socorro Souza – Juíza da Vara da Infância e Juventude

Analice de Souza Arruda Vinhal de Carvalho – Psicóloga Especializada na Família

AGRADECIMENTO

A Deus que cumpre promessas,
A minha família, a famílias da Agnes, Maria Clara e Luíza, a orientadora Denize Daudt,
a psicóloga Analice Arruda Vinhal, juíza Maria Socorro Souza, Golden Films, editor
Daniel Bernardoni,

Amigos e todos que contribuíram com este documentário de alguma forma.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, 2021

TEASER DO DOC\

- Nome do documentário – fundo branco – (2 para aparecer, 4 para congelar, 2 para desaparecer: 8 seg)
 - Filme de Mariana Jardim, Filmagem Golden Films e Edição Daniel Bernadoni (5 seg)
– aparecer na sequencia
 - AGNES 2 : Beijinho “melhor presente”
 - VALÉRIA 2: Naquele momento que ela pegou no meu pescoço e me agarrou tive certeza que era minha filha, nem que eu rodasse o Brasil inteiro eu lutaria por ela até hoje se não tivesse sido fácil
 - JUSSARA1: Aqui é uma mãe adotada com 5 filhos adotivos, essa é nossa família essa é nossa história // Ai eu resolvi ficar com a Luíza e já tem 5 anos que ela está com a gente // IMAGENS: cena de apoio parte 5 – abraço
- Fundo branco, letras pretas: Dados: Crianças disponíveis para adoção no Brasil: 4.224 e Pretendentes disponíveis para adoção no Brasil – 32.947 (5 seg)
“ Porque a conta não fecha?” – (3 seg)
- JUÍZA: O perfil que tem maior número disponível para a adoção é acima de 8 anos de idade que não é o perfil desejado - 05:10 – 05:20
 - ANALICE: Eu acho que precisar mudar é as pessoas entender que não necessariamente as pessoas precisam adotar crianças pequeninhas, brancas, do olho azul nós temos uma diversidade de pessoas no mundo, no Brasil também no sentido de adolescentes então precisamos aprender a respeitar essa diversidade e acolher essa diversidade que tanto caracteriza nossa cultura.

01' 06 “ – somente as falas 25 seg letras (ao todo 01' 33”)

ANEXO

Fotos de arquivo pessoal cedido pela família



Foto 1° - Legenda: Maria Clara criança ao Lado de um brinquedo de Natal. (Arquivo Pessoal)



Foto 2° – Legenda: Paola e Adalberto, segurando a Agnes na UTI em São Paulo. (Arquivo Pessoal)



Foto 3° - Legenda: Paola e Adalberto, segurando a Agnes na UTI em São Paulo. (Arquivo Pessoal)



Foto 4° - Legenda: Agnes bebê na UTI com aparelhos no rosto. (Arquivo Pessoal)



Foto 5° - Legenda: Agnes fazendo fisioterapia.
(Arquivo Pessoal)



Foto 6° - Legenda: Agnes fazendo fisioterapia.
(Arquivo Pessoal)

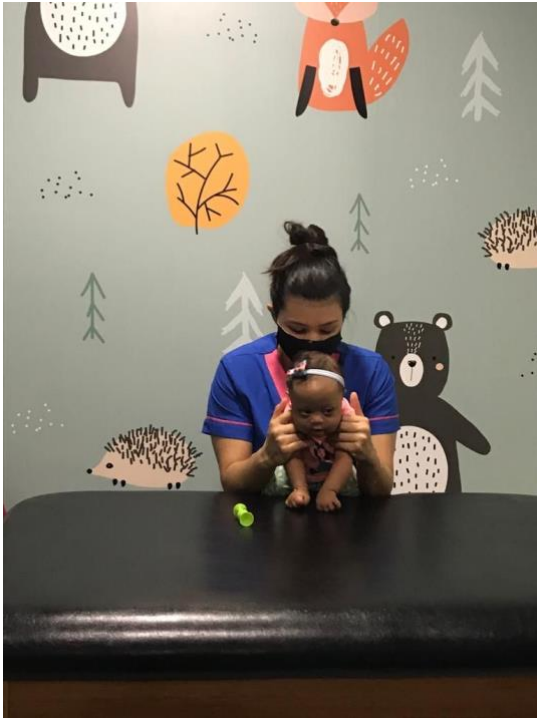


Foto 7° - Legenda: Agnes fazendo fisioterapia.
(Arquivo Pessoal)



Foto 8° - Legenda: Agnes fazendo fisioterapia.
(Arquivo Pessoal)



Foto 9° - Legenda: Maria Clara criança numa biblioteca.
(Arquivo Pessoal)



Foto 10° - Legenda: Maria Clara criança na escolinha de capoeira.(Arquivo Pessoal)



Foto 11° - Legenda: Maria Clara criança na escolinha
pintando desenhos
(Arquivo Pessoal)



Foto 12°- Legenda: Valéria Kimak e Maria Clara
Lado a lado numa selfie
(Arquivo Pessoal)